

**REALIDADE
NUA E CRUA**
e outras histórias

Crônicas de
WILLIAM MENDONÇA

REALIDADE NUA E CRUA **e outras histórias**

Crônicas de William Mendonça

Escritas entre 2002 e 2006
Publicadas nos blogs do autor
e na imprensa de Itaboraí - RJ

® Todos os direitos reservados

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.

Mendonça, William Pereira de (1968 -)
Realidade Nua e Crua e Outras Histórias
Tanguá-RJ: Edições Cia. de Duques
72 p.; 21 cm
1 - Crônica

Publicado no site do autor em 07/10/2006
www.williammendonca.com

Contatos: will_mendonca@yahoo.com.br

REALIDADE NUA E CRUA
e outras histórias

William Mendonça

ÍNDICE

- 5 - Realidade nua e crua
 - 7 - A última quimera
 - 9 - Figuras do Apocalipse
 - 11 - Polivalente que não vale nada
 - 13 - Discussões sobre o comportamento suicida
 - 15 - Jeremias vai à luta
 - 18 - O último crédito
 - 21 - A moral rastejante
 - 23 - A verdade relativa
 - 26 - Talentos hereditários
 - 28 - Do hábito de guardar jornais
 - 31 - Sobre heróis e anti-heróis
 - 34 - A dor que me visita
 - 36 - Cultura de ônibus
 - 38 - Eu não acredito em Astrologia!
 - 41 - O mundo: este eterno Coliseu
 - 43 - Réquiem para o transporte alternativo
 - 45 - Heróis e vilões nos dias de hoje
 - 47 - God save the Queen!
 - 50 - Os advogados e o direito de defesa
 - 52 - A lira dos vinte anos
 - 55 - Detalhes prosaicos do meu dia
 - 57 - Um olhar sobre o passado
 - 60 - Orfeu, o mito reinventado
 - 63 - Um tempo para Gentileza
 - 66 - Viagem aos anos 70
 - 68 - Vivendo a natureza de verdade
-
- 71 - Sobre o autor

Realidade nua e crua

Porque acredito que a inexorável Lei de Murphy é um fato

Ultimamente, tenho investigado alguns grandes enigmas do universo, coisas que assombram a humanidade há milênios. Nada trivial ou prosaico feito discutir a origem da vida, o sexo dos anjos ou a existência de Deus – tudo isso é secundário se comparado com as pequenas coisas do dia-a-dia que tiram a gente do sério.

Por mais que me digam que a Lei da Gravidade é a mais poderosa do planeta (se você bobear com ela, cai à velocidade de 9,8 metros por segundo, ao quadrado!) eu voto na Lei de Murphy – esta sim incontornável, “intapeável”, que pode ser aplicada a tudo na vida, desde a mola solta no sofá, até o pneu furado do carro. No futuro, escreverão livros para festejar o cientista que elaborou esse sofisma – “se uma coisa tiver a chance de dar errado, ela dará” - e, é claro, eles serão editados com erros de impressão.

Com a observação cuidadosa, cheguei à conclusão de que a realidade é, e sempre foi, regida pela Lei de Murphy – mesmo antes que ela tivesse este nome. Afinal, Edward A. Murphy Jr. apenas construiu o sofisma, não criou o mecanismo sob o qual ele funciona. E mais: a Lei de Murphy tem seus efeitos aumentados exponencialmente se aplicada em contraponto a algumas frases de uso comum em nossas vidas. Digo isso e posso provar.

Uma frase simples, que é sempre desmantelada pela Lei de Murphy, é “todos os homens são iguais perante a lei”. É um caso de teoria muito longe da prática. Quem já teve algum problema judicial sabe do que estou falando. Também a clássica frase “cão que ladra não morde” nunca funciona com a gente – aquele cachorro do vizinho, que late durante toda a madrugada, no dia que fugir de casa vai morder alguém.

Pegue qualquer dito popular, aplique à sua vida, e faça o teste. O funciona muito bem com os outros, acaba dando errado com a gente. Pode parecer mania de perseguição, mas é a pura verdade. Mais do que um axioma que justifica o pessimis-

mo, a Lei de Murphy é a verdadeira ciência do dia-a-dia. Quem nunca passou por aquela situação absurda – se você sai de casa atrasado é que tudo sai errado? Como justificar o atraso, se a verdade vai parecer mentira?

Se você não sabe, o “pai do pessimismo” na verdade achou que tinha descoberto um princípio importante para a Engenharia de Segurança. Durante estudos realizados pela Força Aérea dos Estados Unidos, em 1949, uma experiência saiu errado porque alguém havia ligado os eletrodos de forma incorreta. O capitão Murphy, num momento de absoluta inteligência, disparou: “Se houver duas maneiras de se fazer uma coisa, e uma delas levar a uma catástrofe, esta última será escolhida”. Logo seus colegas adotaram a frase como uma premissa básica no seu trabalho.

Em pouco mais de cinqüenta anos, a frase de Murphy (como ela mesma já previa) foi utilizada, torcida, adulterada e, por fim, transformada em uma piada. Lembro que, no início da década de 90, um programinha de computador (nos velhos tempos do PC-XT) abria o seu dia com diversas frases criadas “à luz da Lei de Murphy”. Um dos meus colegas de trabalho citava de cor todas aquelas frases, mas eu, otimista, achava uma besteira sem tamanho. Só que toda semana, quando íamos mandar o jornal para a gráfica, alguma coisa dava errado, o trabalho atrasava, eu fazia hora-extra sem ganhar nada, e tive que admitir a eficácia da Lei de Murphy.

E não adianta contra-atacar a frase do velho capitão Murphy com a premissa básica dos otimistas – o famoso “Jogo do Contento”, imortalizado no livro Poliana. Afinal, como é que eu ver o lado bom das coisas se, pela milésima vez, o pão caiu com o lado da manteiga virado para baixo?

A última quimera

**Se algum dia, um espectro me surgisse,
seria assim – simplesmente um poeta**

Naquela noite encontrei Augusto dos Anjos. Era uma praça – não, uma praia! O poeta estava sentado, olhando o mar como se buscasse entender o sentido de tudo. Parei, intrigado. Sentei ao seu lado e tentei fixar o olhar no mesmo ponto que ele observava, mas não podia alcançá-lo.

O olhar do poeta estava longe, como se fosse outro tempo. Pensei em falar alguma coisa, mas não consegui interromper o silêncio – bendito silêncio! Havia um reflexo tênue nas ondas que chegavam à praia, constantes, trazendo a música dos tempos, o ritmo de tantos versos ...

O poeta parecia não notar a minha presença, e continuava mergulhado em sua própria alma – um mar sem fronteiras. Se me fosse dada a chance de fazer uma única pergunta àquele homem, qual seria? Se eu pudesse me entender melhor através daquele ser tão diferente, o que precisaria ouvir?

Foi enquanto pensava nisso que Augusto dos Anjos levantou, lentamente, e caminhou até a água, como se flutuasse. Não deixava pegadas, não revolvía a areia. Olhei a silhueta magra daquele homem e pensei no quanto o espírito é mais forte que o corpo. Quantas derrotas teriam sido sublimadas apenas por aquele sopro de vida, aquela centelha.

Não pude deixar de pensar que, se algum dia, um espectro me surgisse – como o pai de Hamlet, nos muros de um castelo dinamarquês – seria assim, simplesmente um poeta, não um rei. Seria um homem humilde, que viveu as dores do mundo, para quem o reconhecimento só chegou depois da morte, não um poderoso mandatário de qualquer nação.

Deus sabe que eu não levaria a sério os reis, mas que respeito os poetas. Eles ajudaram a moldar meu espírito, me mostraram as palavras e o que se esconde por trás delas. Não o pai de Hamlet, é certo, mas talvez o próprio Shakespeare, ele sim um poeta primoroso. Ou Pessoa – qualquer um de seus múltiplos eus. Ou Bandeira, Shelley, Neruda, Maiakovski ... Sim, um

deles viria me trazer uma mensagem ou apenas para me mostrar que a vida continua.

Então, por que ele – Augusto, em seu silêncio, rumo ao mar como se não me notasse, filho de outro tempo? Por que ele, justo quem cria no fim de tudo ao último sopro de vida, na supremacia do verme sobre o homem? Por que o poeta das quimeras enterradas, das catedrais imensas destruídas – uma voz que sei de cor, de tanto ruminar seus versos? Antes que o poeta tocasse o mar, levantei-me e gritei (à minha volta, as imagens ficavam distorcidas, tudo perdia o foco).

- Poeta, por que você aqui, no meu sonho!? – eu sabia, só tinha direito a uma pergunta.

Ele virou-se lentamente, sim, como um espectro. Veio à lembrança algo como espírito dos natais passados, de Dickens. Senti um frio profundo me invadir – teria eu voltado no tempo para encontrar os meus próprios medos? Qual seria o tempo real, o aqui e o agora? Perdi a momentânea consciência de que tudo era um sonho e cheguei mais perto para ouvir a resposta do poeta.

Num instante, já era o início do século vinte, suas roupas, seus periódicos, sua falta de esperança. Gente surgia – casas, ruas, veículos, tudo se construindo à minha volta. Augusto pareceu ganhar vida – o corpo renovado, o ar de volta aos pulmões, a matéria mostrando seu valor ... Percebi que, então, era eu o espectro – eu o fantasma do pai de Hamlet – só que não um rei, mas um simples poeta.

E Augusto, finalmente me olhando nos olhos, respondeu meu grito com outra pergunta:

- Poeta, por que você aqui, no meu sonho!?

.....

Eu não sabia a resposta ... Mas de que importava isso se meu olhar, finalmente, conseguira alcançar o ponto onde antes se perdia o olhar do poeta?

Figuras do apocalipse

Encontrei Thomas Merton nos Escumbros do 11 de setembro

Confesso minha ignorância, mas até 2001 eu nunca tinha ouvido falar em Thomas Merton. Passei trinta e poucos anos da minha vida sem ser apresentado a ele: nem um texto, nem mesmo uma simples citação. Eu, que li tanta poesia – de diferentes épocas e origens – que sempre me interessei por questões filosóficas ou teológicas, que estudei 11 anos em uma escola católica, nunca provara o sabor dos seus versos, a sabedoria de suas palavras.

Thomas Merton, monge trapista – americano, nascido em 1915, que entrou para a austera ordem religiosa católica em 1941 – é considerado um dos mais importantes pensadores e religiosos do século XX. Mais que pensador, Merton era um ativista, que contestou a guerra do Vietnã, denunciou o preconceito racial e social, promoveu o ecumenismo – tentando diminuir os abismos não só entre as religiões cristãs, com também com as teologias orientais.

Foi em 17 de setembro de 2001 que ele se apresentou. Eu ainda tentava digerir o choque provocado pelas imagens da semana anterior: as torres gêmeas do World Trade Center desabando, no maior atentado terrorista da História, os milhares de mortos, o mundo atônito diante de uma superpotência absolutamente impotente. Vi, ao vivo e em cores – via satélite, pela CNN – o momento em que o segundo avião atingiu seu alvo, cortando o aço feito um queijo. Vi a queda das torres, símbolos de um mundo que dá tanto valor aos símbolos de poder.

Enquanto ruminava tudo aqui, entrei na velha livraria de sempre, o sebo que freqüento desde a adolescência, onde paguei muito barato por centenas de livros e descobertas. Queria algo que me distraísse, que me fizesse desligar a TV que permanecia no mesmo canal há uma semana, na mesma imagem, em meu cérebro. Queria pensar que aquilo não seria o início e algo muito pior ...

Bati os olhos em um livro com título promissor: “As mais

belas orações de nosso tempo”. Li a apresentação de Rubem Braga e a voz do mestre bastou. Saí de lá cinco reais mais pobre, mas com um tesouro para várias vidas nas mãos. Era um tempo bom para aprender novas formas de rezar. As páginas já não eram novas – isso algo que sempre me atraiu nos livros de sebo, as vivências múltiplas contidas nas páginas antigas.

No ônibus, a caminho de casa, fui lendo as páginas saltadas, fora de ordem, até que Thomas Merton como que sentou-se ao meu lado e disse – Olá! Li, verso por verso, cada vez mais aterrado, seu poema “Figuras para um Apocalipse (nas ruínas de Nova Iorque)”. Com o absoluto dom da profecia, o poeta descrevera mais de 30 anos antes as imagens que eu acabara de ver, como um túnel do tempo.

“A Lua está mais pálida que uma atriz e chora por ti, Nova Iorque! (...) Como caíram, como caíra estas torres de gelo e de aço, derretidas por que terror e por que milagre? Que fogos e luzes derrubaram, com a branca ira de sua acusação, estas torres de prata e aço? (...) Amanhã e depois de amanhã, nascerão ervas e flores no seio de Manhattan. E logo as ramas das nogueiras e dos sicômoros sussurrarão onde estavam estas janelas sujas (...)”

A descrição apocalíptica do fim de Nova Iorque – certamente, Merton vira um tempo ainda mais à frente que o nosso, uma destruição definitiva, quando nada restará da grande metrópole – é absolutamente chocante. Em minha viagem para casa, no ônibus sacolejante, tive que controlar a interjeição de espanto ao ler os versos desse poeta que até então não conhecia. Em outro texto, “Albada-Harlem”, vinha a única referência a ele: “Thomas Merton (1915 – 1968)”.

- Então aquele homem – que dom profético, meu Deus” – morreu no mesmo ano em que eu nasci! – pensei em voz alta.

Quando cheguei em casa, comecei minha viagem no tempo até Thomas Merton, pesquisando nas enciclopédias, na internet, obsessivamente, como sempre faço com assuntos que me interessam. Cheguei à sua autobiografia “A montanha dos sete patamares” (1948), um primor. É uma viagem que recomendo – uma viagem até uma das mentes mais brilhantes do século XX.

Polivalente que não vale nada

Quando eu descobri que nunca seria um “grande alguma coisa”

Eu achava que todo mundo era como eu: tinha múltiplos interesses. Pensava, realmente, que qualquer pessoa tinha múltiplas habilidades e, por isso, eu vivia feliz. Era apenas mais um, igual a todo mundo. No entanto, ao longo dos anos, fui percebendo que não é bem assim que a banda toca.

Pare e reflita: quantas pessoas você conhece, ou já ouviu falar, que são muito boas em várias coisas (não vale citar Leonardo Da Vinci)? Tudo bem, tem o Jô Soares, que é um monte de coisas, mas em todas elas é sempre um excelente humorista ... Cite outro assim, de estalo, sem pensar muito! Pois é, quase todo mundo que faz sucesso em alguma área só é bom naquela área específica. É absolutamente focado. Quando muito, deixa espaço para um hobby, nem que seja a família.

Pelé foi o maior jogador de futebol do mundo – só isso! Tentou ser cantor, foi um desastre. Quando abre a boca para falar, então, é um Deus nos acuda. Fernando Pessoa dividiu seu único (e maravilhoso) talento, a poesia, entre vários poetas. Tinha lá o hobby da astrologia, mas só isso. É sempre assim: o cara é bom demais numa área, a ponto de ignorar o resto. Veja Garrincha, um gênio da bola, que foi um fracasso na vida pessoal. O que passa para a História é o seu talento, não as suas várias habilidades ou interesses. O polivalente não vale nada.

É uma constatação cruel, mas me trouxe de volta à realidade. Por acaso existe um Nobel para a polivalência? Um Oscar? Um Grammy? Não, o que se destaca é o talento específico, individualizado. “Seja bom em alguma coisa na vida”, dizia minha mãe. Sábio conselho. Às vezes a gente perde tanto tempo e energia tentando ser bom em várias coisas, que acaba sendo ruim em todas. Quantas bandas de um homem só você conhece? Existem, é claro, as atividades correlatas, mas a pessoa precisa ser muito boa em uma delas para se destacar na multidão.

Por exemplo, Fred Astaire, como ator, era um excelente dançarino. Madonna, como atriz, é uma cantora sexy, e vai por

aí. Bush é só o presidente dos Estados Unidos ... bota o cara para ser bancário no meu lugar e você verá o desastre! E não vale citar o Ronald Reagan e o Arnold Schwarzenegger, que eram canastrões no cinema e acabaram na política: todo político é, antes de tudo, um canastrão. O Lula faria um ótimo jagunço na ficção.

Às vezes falo com meus filhos, em tom de brincadeira: “papai é quase um artista – tem uma porção de meios-talentos”. Lembro do meu dilema, às vésperas do Vestibular, e lá se vão quase vinte anos: jornalismo, publicidade, letras ou história? Nunca estive muito certo do que fazer na vida. Optei pelo jornalismo por dois motivos: achava meu “talento” mais sólido o de escrever (isso ainda acredito) e tinha a ilusão de que saltaria facilmente das páginas dos jornais para os livros. Isso, só quando o cara é mago feito o Paulo Coelho.

Quinze anos depois, às voltas com a dura vida (em todos os sentidos) de jornalista no interior, percebi que estava engavetando meus sonhos, meus “meios-talentos”, minha alegria. Ganhava mal, não tinha tempo nem disposição para a arte. Deixei o teatro de lado, não fui em frente com projetos musicais, nem mesmo publiquei um livreto mimeografado.

Foi nessa hora que arrisquei a mudança: fiz, e bem, um concurso, entrei para um banco e descobri outro “meio-talento”. Dei adeus, sem saudades, à antiga profissão e decidi que a nova me daria tempo e estabilidade para conviver com a ingrata polivalência – sem exigir resultados, porque fama é outra história. Reservo tempo para escrever, tocar, aprender outros instrumentos, até mesmo para o teatro. Faço novos amigos, converso com astrólogos pela internet, tenho uma vida que me agrada, fora do dia-a-dia naturalmente agitado e estressante.

Sei, há muito tempo, que não vou me tornar um “grande alguma coisa”, mas estou me dando a chance de ser um “pequeno várias coisas” ... É uma segunda chance, que só o amadurecimento permite. E não tenho a menor pressa: lidar com o tempo é outro dos meus “meios-talentos”.

Discussões sobre o comportamento suicida

O cachorro atravessa a estrada porque não tem consciência do risco

Depois de uma noite em claro, movida por uma dor incontrolável, pela perda de alguém que amava ou por distúrbios mentais que nós, mortais, não compreendemos, uma pessoa decide tirar a própria vida. E há tantas formas de fazê-lo que ela pode até escolher. A morte surge com o canto, atraente, de que a dor acaba quando a vida acaba ...

É claro que entre o pensamento desesperado, da intenção de cometer suicídio, até realmente tirar a própria vida, existe um abismo – cheio de limites morais, medos, desejos, paixões, que servem de âncoras ao mundo real, à vida, por pior que seja. Está aí o CVV (Centro de Valorização da Vida), que tantas pessoas já salvou com um telefonema, uma conversa.

Não discuto a decisão suicida num momento de crise – mesmo sem concordar pois sei, por razões espirituais, que este não é o caminho, nem solução para qualquer problema.

O que não compreendo é o comportamento suicida diário, o ato de colocar-se em risco constantemente, de buscar o perigo. As pessoas lógicas tomam precauções de segurança: cinto, camisinha, capacete, limite de velocidade, pára-quedas, colete salva-vidas, etc. Elas podem não livrar você da morte, mas diminuam o risco.

No entanto, vejo diariamente uma legião de suicidas pelas cidades, oferecendo-se à morte com estranho prazer. Desde o motociclista que não usa capacete e o motorista embriagado ao pedestre que atravessa uma estrada sem usar a passarela. A pessoa que, pelas circunstâncias, precisa atravessar uma estrada onde não há uma passarela, não tem opção. Mas aquela que “escolhe” se arriscar entre os carros, ônibus e caminhões, é temerária – e suicida.

Nas pequenas coisas do dia-a-dia você percebe a diferença. O suicida toma remédios sem receita, mexe na eletricidade da

casa sem desligar o disjuntor, transa sem camisinha, bebe antes de dirigir, fuma, usa drogas – ou, simplesmente, se coloca em risco gratuitamente. Isso começa na infância e se agrava na vida adulta. É como se viver fosse apenas um esporte radical, um “bungee jump” eterno, no qual o cabo nunca arrebentasse.

Os próprios esportes radicais fazem parte desse comportamento mas, vá lá, as pessoas que os praticam profissionalmente tomam várias medidas de segurança, diminuindo os riscos. São suicidas em potencia, é verdade ...

O ser humano deveria ser imune a isso, porque é dotado de raciocínio e da capacidade de medir os riscos. Os suicidas comportamentais classificam “os outros” como covardes, otários e coisas do gênero. A carapuça não me serve – até porque não faço uma apologia da covardia, e sim do bom senso. Cansei de ver meus ídolos morrerem de overdose, meus vizinhos atropelados, meus amigos em batidas de carro, meus parentes por males causados pelo cigarro.

Moro perto de uma estrada e vejo, todos os dias, a maioria das pessoas atravessarem por baixo da passarela – que foi construída ali depois de vários atropelamentos e mortes e manifestações. Muitos dos que exigiam uma passarela não a utilizam. É um prazer quase mórbido.

Quase todos os dias, também, vejo cachorros mortos na beira da estrada – as vísceras espalhadas, corpo esmagado ou feito em pedaços. Sei que o efeito de um atropelamento em um ser humano não é muito diferente, mas o cachorro pelo menos não tem culpa: ele só atravessa a estrada porque não conhece os riscos.

Jeremias vai à luta

Baseada em fatos que poderiam ser reais no Brasil de hoje

Jeremias e seus amigos já estavam no terceiro engradado de cerveja, mas o clima não estava muito melhor. Depois de quatro horas bebendo para esquecer, o máximo que conseguiram foi a sensação de que aquilo não adiantava nada. Bateu a depressão, e até as risadas bêbadas de antes sumiram.

Quando Seu Lopes, o dono do boteco, chegou com mais uma rodada de cerveja e churrasquinho, Jeremias levantou-se, rápido como um felino. A tontura veio e ele quase tropeçou nas próprias pernas.

- O que é isso, menino? – perguntou Seu Lopes, espantado com a reação do freguês.

O dono do bar conhecia Jeremias desde quando ainda era um moleque e ia até lá para jogar sinuca escondido dos pais. Era um bom garoto, que nunca se meteu em encrencas, e que trabalhava desde os 15 anos para pagar suas contas. De vez em quando, lá estava Jeremias no bar de sempre, para beber e jogar sinuca com os amigos. Era um bom freguês.

Nunca, em quase 20 anos, Seu Lopes vira Jeremias passar do ponto – beber mais do que agüentava – nem dar vexame. Daí o espanto quando o rapaz, meio trôpego, subiu na mesa, chutando copos e garrafas para o chão. Os amigos, assustados, levantaram correndo, tentando salvar o que podiam. Ele deu outra cambaleada, mas, por algum milagre, recuperou o equilíbrio. Quando começou a falar, a voz ainda estava pastosa.

- Eu sou Jeremias do Espírito Santo. Brasileiro, carioca, casado e pai de um menino que se chama Jeremias, como eu. Vim aqui hoje pra beber com meus amigos, porque aconteceu algo novo na minha vida: fui demitido!

Os outros fregueses do boteco, que ficava numa esquina movimentada do subúrbio, em Realengo, largaram suas bebedeiras particulares para acompanhar a de Jeremias, que prosseguia com seu discurso.

- Quinze anos numa mesma empresa, sem faltar, sem dis-

cutir com os chefes, cumprindo metas, estudando para ficar melhor no que fazia, e fui demitido sem, pelo menos, um “muito obrigado, Jeremias”! Só uma carta que dizia: “demitido por motivos de corte na folha salarial”. Eles simplesmente me cortaram da lista.

A essa altura, Jeremias chorava, e o choro foi, aos poucos, cortando o efeito do álcool e dando mais lucidez ao desabafo. Gente que passava pela rua parou para ouvir.

- Sempre ganhei meu dinheiro honestamente. Vim aqui pra pagar uma cervejada pros meus amigos, com o meu dinheiro, porque não sei quando vou poder fazer isso de novo. Dei pro meu filho a bicicleta que prometo há três anos, porque não sei como a minha vida vai ficar daqui pra frente.

Comovidas, algumas pessoas choravam. Quando mais falava, mais força Jeremias tirava de dentro de si mesmo. Uma patrulha da polícia parou na esquina, pensando que fosse briga, mas os próprios PMs ficaram para escutar.

- Vim aqui pra festejar a minha burrice e a minha inocência. Eu votei acreditando que o país ia mudar, que ia haver mais empregos, que eu, um trabalhador, ia ser respeitado. Mas as coisas não são assim ... Eu pago meus impostos, pago o salário deles lá em Brasília, mas eles não me escutam! O presidente paga churrasco pros amigos dele, mas é com o meu dinheiro – nisso, pelo menos, eu sou melhor do que ele.

Nessa hora, Jeremias foi aplaudido em cena aberta. Os oprimidos viam nele seu espelho. Seu Lopes, empolgado, gritou:

- Viva Jeremias! – e todos gritaram também. Decidido, o desempregado disse sua frase definitiva:

- Vou andar até Brasília e ele vai ter que me receber!

.....

Nos dias seguintes, o drama e a caminhada de Jeremias até Brasília ganharam a mídia. Outros desfavorecidos resolveram fazer o mesmo, gente de todos os cantos. Alguns sindicatos e partidos pegaram carona na idéia. A TV acompanha a via crucis do desempregado como um reality show.

Quando chegou às portas do Palácio do Planalto, sujo, mal-

trapilho, com a pele torrada pelo sol, quase cem mil pessoas faziam um grande tumulto em Brasília.

Um assessor, engravatado, veio receber o já lendário caminhante, acompanhado de meia dúzia de seguranças. Recuperao as forças, Jeremias se antecipou:

- Eu sou Jeremias. Quero falar com o presidente!

A multidão fez silêncio. O assessor, temendo pelo pior, engoliu em seco, e soltou o discurso decorado:

- O Senhor Presidente viajou na noite de ontem para um encontro com o Presidente do Azerbaijão, para tratar sobre as relações comerciais entre os dois países.

Sem pestanejar, Jeremias disparou:

- Tudo bem, afinal ele tem que usar o novo avião que eu ajudei a pagar, não é mesmo?

O desempregado, em sua ira santa, olhou para trás e viu a multidão que, sabe-se lá por qual motivo, decidira acompanhá-lo, e voltou-se para o assessor, que permanecia como que congelado.

- Então, meu amigo, eu espero ele voltar. Enquanto isso, libera aí a cerveja e o churrasco pros meus amigos: a gente é que ta pagando!

O último crédito

A noite da cidade pode reservar algumas estranhas surpresas

Era o seu último crédito. Sabia que algo estava para acontecer – e sempre que a intuição surgia, não conseguia ignorá-la. Uma sensação de angústia, de um perigo iminente, dominou seu espírito e, durante quase dez minutos, andara por toda a avenida em busca de um telefone público que funcionasse ... E nada.

- Por que será que essas coisas nunca funcionam quando a gente precisa? – reclamou, em voz alta.

A noite caminhava, rápida, para a madrugada, as ruas mudavam sua fauna – um caminhão de lixo passou ao seu lado, lembrando o quanto tudo é descartável, tudo apodrece e acaba.

Era o seu último crédito. Olhou o cartão com uma imagem moderna de algum santo e penso: “Meu filho coleciona cartões – ia gostar deste”. O santo da vez era São Judas Tadeu, padroeiro das causas impossíveis.

- Impossível é encontrar um orelhão funcionando nesta cidade!

Seguiu em sua angústia particular, que comportava em si mesma a angústia de todos, os medos irracionais e neuroses de todos, as armadilhas da cidade. Um grupo de travestis passou, provocando, mas ele nem percebeu. Queria ligar, era urgente.

Virou uma esquina e viu um orelhão ocupado. Alguém falava aos berros, gesticulando muito. “Aquele está funcionando, maravilha!” Foi até lá, mas a rua estava completamente deserta. Como iniciar uma fila num telefone público, quase de madrugada, numa rua deserta? Apesar da dúvida, a necessidade de ligar era absolutamente urgente, e não houve outro jeito: parou atrás do homem que discutia com alguém nervosamente.

Podia ouvir algumas palavras entrecortadas e a fúria do homem começou a lhe dar medo.

- Sua desgraçada!... É assim que você paga pelo prazer que eu te dei? Quem você pensa que eu sou?

O homem nem percebera a sua presença. Ao que parece, a amante lhe dera um fora e ele estava furioso. Mas quem, numa situação dessas, resolve ligar para casa e discutir pelo telefone ... telefone público, ainda por cima!? A discussão estava se alongando e a angústia, a necessidade louca de ligar aumentava ainda mais. “E se eu procurasse outro orelhão?”. Não, aquele ainda estava funcionando, era a melhor chance de ligar para casa. Era o seu último crédito.

De repente, o homem bateu com o fone no gancho e esbravejou:

- Cachorra! Desligou na minha cara! Eu mato aquela desgraçada!

O homem virou-se e só então percebeu a presença de alguém iniciando uma insólita fila quase à meia-noite.

- Tá olhando o que, meu irmão?

- Nada, eu só preciso usar o telefone ...

- E fica ouvindo a conversa dos outros, cara!? Tem vergonha não?

- Só tava esperando você acabar, só isso!

O homem abaixou a cabeça, respirou fundo, e tentou se controlar. Depois de uma pausa, autorizou:

- Tudo bem, liga aí! Depois eu ligo de novo ...

- Obrigado!

A angústia iria terminar. Tirou o fone do gancho. Estava nervoso. O número chamou várias vezes antes que a mulher, com a voz embargada e sensivelmente nervosa, atendesse:

- Que droga, Anselmo! Eu já não te disse que acabou? O tempo com você foi bom, mas eu não consigo mais viver essa vida dupla, entende? Eu tenho um filho, não vou largar o meu marido ... Ele é até um cara legal ... Vê se arruma outra, Anselmo, que eu preciso dar um jeito na vida!

As pernas tremeram ...

- Rita!? Rita, é você?

- Antônio!? – uma pausa, como se ela se desse conta da situação – Antônio, eu pensei que fosse outra pessoa ...

- Percebi ...

Seu estômago ficou embrulhado. A angústia virou nojo. Deixou o fone cair e olhou para o lado. O homem, já não tão nervoso, ainda esperava.

- Ô Anselmo!

- Como é que você sabe o meu nome, cara?

- É pra você ... Mas fala rápido, que é o meu último crédito.

A moral rastejante

O homem se arrasta a caminho de uma distante evolução moral

Recentemente, lendo “A arte da guerra”, milenar tratado de estratégia militar escrito por um quase lendário Sun Tzu, perguntei-me porque a humanidade insiste em ser guiada, do ponto de vista moral, por textos escritos há séculos ou milênios. A resposta me veio tão óbvia quanto aterradora: o homem evoluiu pouquíssimo em termos morais nos últimos quatro ou cinco milênios.

Enquanto a evolução tecnológica já atingiu a era exponencial – com as mudanças acontecendo de forma quase instantânea – a moral humana parece estacionada, quiçá regredindo. O resultado inevitável é o caos crescente em que vivemos. Basta um olhar atento para se perceber que nos últimos 200 anos, talvez apenas dois fatos tenham contribuído para a mudança, ou melhoria, moral do homem: o fim da escravidão e o advento da igualdade entre os sexos.

No entanto, mesmo essas não são verdades consolidadas – longe disso! A escravidão persiste, sob inúmeros disfarces, em quase todo o mundo. Os países muçulmanos, a Índia, a China, as sociedades tribais em geral, até mesmo os esquimós – que somados devem contar dois terços da população mundial – mal ouviram falar em igualdade dos sexos, e levará mais alguns milênios para que algo seja feito nesse sentido.

Nossos códigos morais são arcaicos e se referem a sociedades ainda mais bárbaras que a nossa: a Bíblia, cujos textos mais recentes têm quase dois mil anos, diz respeito sobretudo ao povo judeu oprimido em sua “terra santa”. Grande parte das seitas cristãs prefere citar como verdades morais os textos do antigo testamento, ignorando os ensinamentos de Cristo. Isaías, Jeremias, e outros profetas, o Gênesis, atribuído a ninguém menos que Moisés, estão sempre nos sermões – daí a volta à subserviência das mulheres, a justificativa para a ganância, o preconceito, a xenofobia, a vingança ... Está tudo na Bíblia, basta ler de forma crítica.

Em todo o mundo, os códigos morais têm essa característica. Nossa filosofia é grega (aqueles mesmos que dominaram meio mundo à base da força, que mantinham escravos e tratavam as mulheres como cidadãs de segunda classe). Nosso pensamento moderno é fruto da carnificina da Revolução Francesa, da Revolução Russa, da Revolução Industrial, e tantas outras – que revolveram a massa mas deram ao mundo o mesmo bolo, com outra cobertura.

Na Idade Média, você podia sair de casa para cortar lenha e, quando voltasse, encontrar a casa queimada, os filhos mortos, a mulher seviciada, a vila destruída por uma horda de bárbaros. E eu pergunto: qual a diferença para os dias de hoje? A Justiça, que não funciona? A política, que abriga ladrões incontáveis? A polícia (esta é melhor nem falar ...)? Não, a única diferença é que você não sai mais de casa para cortar lenha.

Vivemos como aquele trabalhador – requentando a marmitta e comendo a mesma comida sem gosto todos os dias. O marxismo requentou idéias dos iluministas, que requentaram a renascença, que requentou os gregos que, diziam, tiravam as suas idéias dos deuses imorais do Olimpo.

As filosofias e ideologias foram, jornalisticamente, condensando as chaves para uma evolução moral do homem, que nunca foi posta em prática. Platão, Moisés, Cristo, Confúcio, Voltaire, Marx, mesmo que ainda não possamos avaliar bem o efeito das idéias de Camus ou Sartre – todos divergiram na casca, mas convergiram para algo bem próximo do velho lema da Revolução Francesa: liberdade, igualdade, fraternidade, algo tão fácil de lembrar, tão difícil de por em prática.

Todas as filosofias e ideologias estão velhas, ultrapassadas, porque tudo já foi dito e o homem não muda por palavras – só com atitudes. E quem sou eu para dar lição de moral em alguém?

A verdade relativa

Duras lições aprendidas quando estive na pele do vilão

Uma das frases mais instigantes da Bíblia não foi dita por um de seus heróis – judeus ou cristãos – mas sim por um vilão. Está lá, em João 18 - 38, o questionamento de Pôncio Pilatos, governador romano na Judéia, ao interrogar seu prisioneiro: “O que é a verdade, afinal?”. O texto pode variar de acordo com cada tradução, mas sempre mantém a mesma essência. Isso perguntado diante a alguém que acabara de dizer: “Vim para dar testemunho da Verdade”.

Relativizar a verdade é um mal antigo – não surgiu em Roma, nem com Abraão. Deve ter nascido com a humanidade, para permitir o surgimento das “meias-verdades”, das “mentiras sociais”, das “verdades históricas e/ou científicas” nunca realmente comprovadas. Pilatos, prestes a mandar para a flagelação e a morte ninguém menos que Jesus Cristo, solta no mundo essa pergunta desconcertante – que só não abalou o próprio Cristo porque sua natureza era mais que humana.

Não são muitas as frases atribuídas ao execrado governador romano na Bíblia, mas, ainda assim, ele é um dos personagens mais marcantes da tragédia da Paixão de Cristo – que repete, na vida real, a força de uma tragédia de Ésquilo ou Sófocles, com o padecimento do herói levando à catarse coletiva e à iluminação. E que não se veja nessa comparação qualquer desrespeito, pois sou cristão e homem de teatro, portanto, dou muito valor às duas coisas.

Minha carreira como ator, aliás, não é das mais brilhantes – atuei apenas em produções amadoras e semiprofissionais – por isso sempre levei mais fé no que fiz como autor teatral. Porém, no período em que atuei com mais frequência, tive a oportunidade de interpretar pelo menos um grande personagem, exatamente Pôncio Pilatos.

O papel de Pilatos me chegou meio por acaso, numa montagem do “Auto da Paixão de Cristo”, em 1999, pela Cia. Parafernália, em Itaboraá. Chamado pelo meu amigo Zeca Pa-

lácio para auxiliá-lo na direção, em uma semana, com pouquíssimos ensaios, acabei no palco na pele do governador Romano, substituindo um jovem ator que não se sentia à vontade no papel. Como tenho certa fixação pela Paixão de Cristo, talvez a maior marca da minha criação católica, encarei o desafio.

Quando me vi com as poucas frases de Pilatos na peça, lembrei imediatamente da cena do filme “A última tentação de Cristo”, em que Pilatos (o astro de rock David Bowie) interrogava Jesus (Willem Dafoe). Bowie, com seu olhar vítreo, deu a Pilatos um tom entre a ironia e a aristocracia britânica, que me chamou a atenção. O seu sotaque inglês foi utilizado para mostrá-lo como um estrangeiro na “Judéia americana” de Martin Scorsese. Pilatos quase simpatiza com aquele judeu, mas sabe que terá de condená-lo. Novamente, surge o questionamento à verdade.

Essa pergunta era, para mim como ator, mais importante no julgamento de Cristo do que o ato de lavar as mãos (tão teatral), que foi feito quando tudo já estava decidido. Até à aquela pergunta, Pilatos ainda não sentenciara o prisioneiro e não sucumbira à pressão do Sinédrio, talvez até visse em Jesus um inofensivo profeta, como as dezenas que surgiam regularmente na Judéia. As peças ainda estavam sobre o tabuleiro ...

Nesse ponto me vem outra verdade cheia de nuances: a verdade jurídica. É o mesmo fenômeno que sentenciava inocentes à morte na Judéia de Herodes e Pilatos, ou nas cadeias superlotadas pelo Brasil. A mesma que permite a salvaguarda aos poderosos, aos ricos, aos mais hábeis politicamente, e trata com absoluto rigor os desfavorecidos. A verdade jurídica é relativa – se não o fosse, por que existiriam advogados? Bastaria que se cumprisse fielmente o que está escrito.

Estar na pele de Pôncio Pilatos me ensinou algumas coisas: o quanto é cruel a relativização da verdade – que se transforma numa autorização para fazer qualquer coisa; o quanto é importante ser justo, para não condenar o inocente; o quanto um erro pode marcar a sua vida inteira, e talvez ser

lembrado por milênios; o quanto a pena de morte é estúpida, pois não permite reparação; o quanto até mesmo a verdade religiosa tem sido relativizada para permitir atrocidades, perseguições, terrorismo, guerras e outras mazelas da humanidade.

Quando estava no palco pensei: “esse homem estava tão perto da verdade, e não a enxergou!”. Que Deus nos permita não sermos tão cegos ...

Talentos hereditários

A convivência de pais e filhos com suas afinidades e diferenças

É engraçado como as diferenças e semelhanças entre pais e filhos são geralmente gritantes e como, na maioria das vezes, as duas partes insistem em negá-las. O famoso conflito de gerações reside, quase sempre, na negativa dos pais em aceitar nos filhos o seu comportamento reencarnado. Já os filhos tentam romper com o que acreditam ser o “modelo” paterno, mas que é hereditariedade, ou simples convivência.

Claro que isto é uma generalização repleta de exceções, mas pode ser a explicação mais plausível para grande parte das sessões de psicanálise e terapias familiares que se vê por aí. Muitos complicam o que é simples, buscando teorizações nada práticas.

Vejo parte deste problema na relação nem sempre fácil com meus quatro filhos e, com o tempo, fui aprendendo a reconhecer neles parte do meu espírito. Sempre que isto acontece, acende-se uma luz de alerta e tento não brigar comigo mesmo na pessoa de um dos meus filhos. O problema é que se isso fosse fácil, viveríamos em um mundo ideal, não neste que existe.

Uma agravante são os talentos, quando semelhantes ou diferentes entre pais e filhos. Há o caso clássico do pai que obriga o filho a seguir sua profissão, sem se importar com a vontade ou aptidão. Com os anos, isto foi se tornando menos comum, mas é ainda um foco de conflito. Não está escrito na certidão de nascimento de ninguém o que ela será na vida – portanto, os pais não têm o direito de cobrar qualquer compromisso.

Por outro lado, há o caso do talento, digamos, “herdado” – talvez fosse melhor dizer “afim”. A relação competitiva entre dois seres humanos pode chegar às raias do absurdo quando entre pais e filhos. O medo de ser superado, como se fosse um mestre ultrapassado pelo discípulo, pode levar um pai, inconscientemente, a sabotar as iniciativas do filho e transformá-lo em um bonsai de si mesmo – uma árvore bonita, mas minúscula, que nunca chegará ao seu tamanho natural.

Na outra ponta da questão do talento hereditário está o filho de alguém muito famoso ou competente em sua área, que sempre sairá perdendo em qualquer comparação honesta. Fica o dilema de se dedicar àquela atividade sob a pressão constante de ser “filho de fulano”, ou simplesmente desistir. O filho de John Lennon, o filho de Pelé – qual será o peso de um título como esse sobre os ombros de alguém?

É aí que surge outra pergunta: essa relação pode ser sadia? É claro que sim – basta a compreensão mútua de que cada um tem seu próprio caminho, mesmo que semelhantes. Sean Lennon é músico e compositor como o pai, mas não leva a uma referência óbvia da obra de John Lennon como fez, anos antes, o irmão mais velho Julian. Fernanda Torres é uma grande atriz, mas de foco absolutamente distinto de sua mãe, Fernanda Montenegro.

Um dos baratos da vida, que só aprendi depois de adulto, é reconhecer os talentos e gostos que herdei dos meus pais – e brincar com eles. A habilidade na cozinha, que veio de minha mãe, e a inusitada facilidade com a matemática, que nunca quis desenvolver mas já me ajudou muito, herdada do meu pai. Meus filhos um dia verão em si mesmos algo de mim que hoje já posso distinguir neles.

De minha parte, tento conscientemente não ser o responsável pela frustração do sonho e vocação de meus filhos – nem pela afinidade, nem pela diferença. Não é tarefa das mais fáceis, porque os pais têm uma tendência natural para se intrometer na vida dos filhos, mas eu me esforço. Só o tempo dirá se tive sucesso.

Do hábito de guardar jornais

Ou como alguém com bronquite alimenta seus ácaros de estimação

Tenho o péssimo hábito de guardar jornais antigos. Digo péssimo porque até hoje não vi real utilidade nisso, a não ser reunir ácaros à minha volta, alimentando minha bronquite. Mas, como não há como impedir essa compulsão, continuo guardando exemplares de 15 ou até 20 anos, geralmente sem o menor critério, sem organização alguma. São, talvez, a parte da história que escapa do frio processo da reciclagem ...

E eles, ao sabor do tempo, vão amarelecendo - tornando-se frágeis, principalmente por culpa do meu desleixo. É neles que, muitas vezes, encontro reportagens interessantes, pérolas verdadeiras, sobre os temas mais diversos.

Durante mais de 10 anos guardei um exemplar do Jornal do Brasil, do exato dia em que o ônibus espacial Columbia foi ao espaço pela primeira vez. Era uma página magistral, com esquemas do veículo, detalhes da missão, um prato feito para um adolescente ligado em ficção científica. Penso agora que, lá no meu íntimo, esperava um dia ir ao espaço também, “audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve”, como na abertura de Jornada nas Estrelas. Até agora, porém, não fui convidado pela Nasa ...

Esse exemplar, em especial, sobreviveu a muitas mudanças. Durante o período em que o guardei morei em quatro casas diferentes, passei de adolescente a adulto, de solteiro a casado, de filho a pai. Por isso, era uma lembrança que fazia questão de manter, dentro de um envelope, sempre levado nas mudanças ou guardado na escrivaninha.

Até que (sempre há um “até que...”) numa daquelas arrumações de fim de ano, ou fim de semana, não sei bem, uma empregada desavisada achou que “aquele jornal velho já passou do tempo de ir para o lixo”. E foi, para a vala comum da imprensa diária - algum lugar entre a lixeira e o embrulho para ovos ou peixes.

Hoje, um dos meus tesouros é uma página do JB de 13 de

junho de 1988, dia do centenário de nascimento de Fernando Pessoa - que ao invés de simplesmente comemorar a data, lembrando o grande poeta, desvendou um de seus heterônimos até então pouco conhecido - Rafael Bandaya, um astrólogo.

Lá estão mapas astrais compostos pelo próprio Pessoa, ou melhor, por Rafael Bandaya - incluindo os mapas de alguns de seus heterônimos mais conhecidos. No verso, página 2 daquele inesquecível Caderno B, estava uma análise astrológica sobre Fernando Pessoa, talvez a maior representação de um gemniano já surgida sobre a Terra.

Nessa época, eu tinha um ou dois anos de estudo de Astrologia, e talvez uma década de muita leitura de poesia. Pessoa, não é preciso dizer, é um mito para qualquer um que goste de poesia, de boa literatura e da língua portuguesa. Sua multiplicidade, com perdão da aparente incongruência, é um caso único. Este ainda está comigo, até porque o coleí no meu caderno de estudo de astrologia, e posso vê-lo sempre que necessário. No caderno também estão vários mapas astrais feitos por Pedro Tornaghi, para o perfil do Caderno B, falando sobre gente como Renato Russo, Gabriel Vilella, Marina Lima, Fernanda Torres, João Bosco, Adriana Calcanhoto - um tesouro, pelo menos para mim.

Quando minha paixão pelo teatro surgiu, também no final da década de 80, guardei muitos recortes, especialmente sobre gente de quem eu gostava. O cantor Oswaldo Montenegro, com seu grupo de Menestréis, estava lotando os teatros naquela época, com seus musicais. Assisti aos menestréis na escola, e quando O GLOBO fez uma ótima reportagem no seu Segundo Caderno sobre Oswaldo e seu grupo, guardei o exemplar.

É engraçado ver hoje que, na foto de seu grupo estavam Deborah Blando, agora uma cantora de sucesso, Milton Guedes, o cantor-gaitista que é requisitado pelos melhores artistas da MPB, as atrizes Dedina Bernardelli e Tereza Seiblitiz, que vez ou outra estão na telinha, em alguma novela, mas que nunca abandonaram o teatro. Tenho, também, reportagens sobre o sempre polêmico Gerald Thomas, na época de “Carmem com filtro”, só para lembrar de alguns exemplos desse arquivo confuso que desafia as traças na minha casa.

Mas não posso negar que a “menina dos olhos” é uma coleção informal do caderno *Idéias*, do JB - no tempo em que era um tablóide muito bem diagramado e, principalmente, muito bem escrito, por articulistas diversos. Um oásis de cultura e informação no meio de um tempo conturbado - o final da década de 80, que assistiu a tantas mudanças no mundo.

Por mais que tenham tentado levá-los para o lixo, os tablóides sobrevivem na minha sala, acho que mais de cinquenta exemplares. Lá encontro textos sobre poetas como Cacaso e Ana C., que morreram cedo, sobre escritores pop como Stephen King, sobre mentes como Freud, Proust, Kafka e uma lista interminável de bons textos sobre ótimos assuntos. Não consigo me desfazer deles, numa clara manifestação de egoísmo da qual não me envergonho.

O que me espanta, e às vezes me entristece, é ver que a maioria de meus amigos e conhecidos, não nutre qualquer interesse pelo meu tesouro de papel, e geralmente consideram desperdício de tempo e de espaço formar pilhas de jornal em algum canto da sala. Quando mostro um desses exemplares a alguém, geralmente ouço um frio, mas polido: “Legal, cara!”, e é só.

Pensei que o desprezo fosse fruto da minha falta de método. E se eu criasse um arquivo, com fichas catalográficas, ou se scaneasse tudo para meu possante computador? Talvez, assim, eu parecesse apenas um “intelectual organizado” e não um “jornalista exótico” ...

Pensando nisso, com o tempo, tentei adaptar essa compulsão a acumular jornais velhos, para algo mais próximo da arquivologia. Tentei, realmente, dar a esse processo uma organização lógica, que me permita, daqui a 20 anos, encontrar textos como este que estou escrevendo, sem ter que revirar até mesmo os armários do banheiro ... Só que, estupefato, percebi que assim tudo perdia a graça.

Prefiro essa paixão sem motivo, que me permite bons momentos relendo coisas de outra época, subvertendo as linhas do tempo, que parecem consumir tudo cada vez mais rápido. Se ninguém entende porque eu faço isso, pelo menos os ácaros e traças me agradecem.

Sobre heróis e anti-heróis

O cinema abriu meus olhos para o verdadeiro heroísmo

Quando eu era garoto, e olha que agora já faz um bom tempo, de vez em quando passava um daqueles “filmes de guerra” na TV – “Os canhões de Navarone”, “Midway”, “O vôo da águia” e outros menos marcantes – e, estranhamente, eu gostava. É claro que já se fez bom cinema tendo a guerra como tema, e não é preciso chegar à “Lista de Schindler” ou ao “Resgate do Soldado Ryan” pra exemplificar. Muito antes, a guerra já rendia bons filmes.

Tenho a consciência, com meus olhos de hoje, que havia muito de propaganda do heroísmo das forças armadas naquela exibição freqüente de filmes de guerra na TV, durante os anos 70 e início de 80, mesmo que os heróis fossem os americanos e ingleses lutando contra os nazistas e japoneses. Ditadura militar tem dessas coisas – algum tipo mais sutil de tortura, que semeava uma espécie de respeito por aqueles caras de uniforme, que estavam prontos para bater de frente com o inimigo, a qualquer momento.

Minha mãe, no Dia das Crianças ou no Natal, comprava aqueles sensacionais soldadinhos de plástico, com caminhões de plástico – os mais baratos mesmo, porque a gente não tinha grana. E era uma das minhas brincadeiras favoritas, naquele complexo inevitável de filho único que brinca sozinho, fala sozinho, inventa amigos e inimigos imaginários. Eu criava minha guerrinha particular e seguia a vida. Um forte candidato a militar ...

Pois deu tudo errado, até mesmo nas intenções da minha mãe de me ver com aquele uniforme branco de marinheiro. Em dado momento, a brincadeira acabou e, não sei bem quando, tomei consciência do horror da guerra. Acho que foi quando conheci o pai de um colega de colégio, que passava boa parte de seus dias ainda nas batalhas de FEB na Itália. Ele simplesmente não tinha se desligado dos seus meses na guerra. Um olhar distante, uma expressão que não se traduzia – e, vez ou outra, um

surto, que deixava a família e a vizinhança em sobressalto.

A adolescência trouxe a consciência de que vivíamos numa Ditadura Militar, que os presidentes gerais se sucediam sem que a gente pudesse opinar, que aquilo era um fenômeno regional, afetando Argentina, Chile, Uruguai, tudo em volta – militares no poder, excessos do poder, crimes do poder. Aquela brincadeira de criança perdeu a magia, porque gente morria de verdade – e a guerra não era declarada, nem era contra um povo distante, era entre nós mesmos, os de uniforme contra o resto.

É claro que depois, esse maniqueísmo foi sumindo – nem todos os militares eram torturadores, nem todos os guerrilheiros eram santos, nem tudo é como parece ... Sei apenas que quem tem o porrete não precisa usar palavras para machucar ninguém, basta bater. Por conta da decepção que tive com meus soldadinhos de plástico, com os heróis da Guerra no Pacífico, nunca mais consegui ver os militares como uma coisa boa. E sempre me pergunto - será que alguém acredita no poder de nossos militares contra uma possível invasão americana?

Além disso, o cinema, que antes só mostrava os feitos heróicos dos militares, passou a mostrar o outro lado – e eu poderia ficar aqui listando dezenas de bons filmes, desde “Apocalypse Now” e “Platoon” a coisas como “A casa dos espíritos”, ou filmes brasileiros como “Pra frente Brasil”, “Nunca fomos tão brasileiros” e até mesmo “O que é isso, companheiro?”, bem inferior ao livro de Gabeira.

Só que nem o cinema hollywoodiano superproduzido e realista, nem o cinema tupiniquim de protesto e baixo orçamento conseguem falar tão bem, tão fundo, sobre heróis e anti-heróis, sobre a verdadeira face da guerra e da ação militar, quanto dois documentários que assisti nos últimos anos: “Senta a pua” e “A cobra fumou”.

O primeiro, de Erik de Castro, conta a luta dos pilotos da FAB no front da 2ª Guerra. O segundo, produzido pelo mesmo Erik de Castro, e dirigido pelo jovem Vinícius Reis, faz um link sobre a atuação da FEB na guerra, e a vida dos ex-pracinhas hoje em dia, gente com mais de 80 anos, que sobreviveu a várias batalhas e que carrega toda aquela carga emocional dentro do peito e da cabeça. Tem quem fale que a participação dos sol-

dados brasileiros na guerra foi pífia, marketing do Getúlio, ou até mesmo “bater em bêbado”, porque os alemães já estavam entregando os pontos. Só que para quem viveu aquele inferno, o buraco era bem mais embaixo.

Quer saber o que é heroísmo? Que tal um piloto brasileiro morreu em combate fazendo a sua 40ª missão, quando os ingleses voltavam para casa com 10 missões? Ou oito brasileiros, em seqüência, perdendo uma, ou até as duas pernas, enquanto faziam o impensável trabalho de reconhecer o terreno, por conta das minas deixadas pelos alemães – todos de um único destacamento.

Quer saber o que é dor? Que tal ouvir o relato de um pracinha que, ao ver em uma estrada os corpos de 12 companheiros, mortos durante uma batalha, jurou cuidar dos mortos brasileiros naquela guerra, e que vive desde o fim da guerra em Pistóia cuidando do monumento aos soldados brasileiros mortos. Ou a dor nos olhos de outro soldado, que viu a dignidade aviltada de uma italiana – uma mulher casada que pediu ao marido para que saísse do quarto, para que ela “se deitasse” com o soldado, em troca do dinheiro para a sobrevivência da família? Uma dor tão grande, que fez com que o soldado fosse embora sem fazer sexo, depois de deixar com a família a comida e o dinheiro que tinha.

Os dois documentários não douram a pílula – não mostram a guerra como algo glamuroso, repleto de heróis e vilões. Nem tentam fazer dos soldados brasileiros bufões ridículos que foram lutar contra um inimigo previamente derrotado. Erik de Castro e Vinícius Reis têm a virtude de mostrar o lado humano da guerra – de quem foi, de quem voltou (ou não). E de deixar claro que a guerra, qualquer guerra, é um mal sem medida, onde vitoriosos e derrotados sempre perdem.

Em tempos de Bush posando de Hitler, reconhecer a dor sem tamanho de uma guerra na história de brasileiros é uma emoção forte, que de certa forma devolve a dignidade aos meus soldadinhos de plástico e aos meus sonhos de menino.

A dor que me visita

O drama dos pais de Gabriela me faz refletir mais um pouco sobre a vida

Penso sempre na dor. Não que eu não seja uma pessoa otimista, dentro de um limite aceitável. Penso na dor porque sou uma pessoa comum – bancário, ex-jornalista, astrólogo quando o tempo permite, pai de família (e que família, com quatro filhos em plena fase de crescimento!). Tento manter acesa a alma de artista ... Há uns vinte anos faço poesia e música. Teatro, há quase quinze.

E penso não apenas na minha dor – particular e intransferível. Consigo pensar na dor alheia, endêmica, que irrompe aos nossos olhos, mesmo aos menos atentos. Talvez isso me faça uma pessoa menos egoísta, não tão imerso nos meus próprios problemas. Esse pensamento me visita em horas inesperadas, e traz com ele parte da dor alheia. É quando acordo para o que muitas vezes não parece óbvio.

Noutro dia, ouvindo rádio, um final de notícia me chamou a atenção. Os pais de uma jovem morta durante um assalto no metrô do Rio estão coletando assinaturas, pela internet, para um projeto de lei que visa mudar o precário – e ineficiente – Código Penal Brasileiro. Gabriela Prado Maia Ribeiro era o nome da jovem – 14 anos, estudante, uma existência interrompida no começo do vôo ... Pensei na dor.

Imediatamente me veio à cabeça aquela mesma foto estampada em todos os jornais no final de março de 2003 – uma menina, de olhos brilhantes, dando vida a um pássaro com um gesto. Desejo infinito de paz. Nessas horas, não me concentro apenas na agonia de quem vai, mas na dor de quem fica, e não pude deixar de admirar a forma que os pais de Gabriela encontraram para reagir – lutando para que a impunidade não permita que, diariamente, outros tantos inocentes entrem na contagem fria dos números da violência urbana.

Por alguns instantes, aquela dor me visitou e me fez abandonar a mesquinha das coisas de sempre. Não me vejo com essa coragem para lutar e não sei como eu reagiria à perda de

um dos meus filhos. Eduardo, com seus quase 18 anos, sempre resmungando e pendurado no computador. Vivemos alfinetando um ao outro, um amor estranho ... Como eu viveria sem ele? Amanda, 15 anos, cheia de beijos e chamegos, com aquela preguiça que só quem já foi adolescente compreende. Débora, que poderia se chamar Emília, com sua cabeça cheia de caraminholas e idéias nem sempre aprovadas pela coletividade. Fellipe, um teimoso leão de seis anos, com uma vontade inabalável – nunca é demovido por nada, nem por mim.

Como seria vazia a minha vida sem eles!

Pensar na dor é sempre assim – você acaba enxergando o valor do que tem e compreendendo o outro, em seus momentos mais difíceis. Quantas vezes me peguei pensando em como eu e Virgínia, minha parceira nesses anos, sobreviveríamos à perda de um dos nossos filhos ... Já aconteceu uma vez, em circunstâncias tão diferentes, que não podem servir de medida. Mesmo assim, é uma dor que não esqueço.

O que me espanta é que num país como o nosso, em que a violência mostra a cara todo o tempo, onde uns 15 milhões de pessoas acessam a internet regularmente, cerca de 600 mil (apenas) já tenha assinado a lista – metade do que é necessário para uma emenda popular. Será que as outras não sabem, ou simplesmente não se importam? Prefiro acreditar na primeira hipótese, e pensei em pedir aos amigos que visitem o site de Gabriela (www.gabrielasoudapaz.org) para conhecer melhor as propostas e, certamente, assinarem a lista.

É claro que eu não penso apenas na dor – geralmente, penso nas belas coisas da vida, até mesmo aquelas difíceis de conseguir, como a Paz. Todas essas coisas nos fazem aprender, crescer, deixar alguma semente que floresça ... E afinal, para que mais é que a gente passa por aqui?

Cultura de ônibus

Ou como ler e escrever durante as viagens se transformou num vício

Ao longo dos anos, desenvolvi o hábito de ler e escrever durante as viagens de ônibus e, confesso, esse é hoje um dos motivos que me demovem da idéia de aprender a dirigir. É muito mais tranqüilo ser passageiro – salvo no caso de assaltos, em que passageiros e motoristas se igualam na impossibilidade de reagir ... Há quem não consiga pregar os olhos em uma página com aquela inevitável trepidação do coletivo, e já ouvi que este hábito pode levar ao descolamento da retina. Nunca tive real interesse em saber se isso é uma verdade científica.

Fiz umas contas rápidas outro dia e cheguei à conclusão de que passei cerca de dois anos e meio da minha vida dentro de ônibus, viajando quilômetros e mais quilômetros, geralmente cruzando cidades. Morando aqui na desconhecida cidade de Tanguá – a meio caminho para a Região dos Lagos do Rio de Janeiro – já trabalhei em Niterói (60 Km) e agora trabalho em Araruama, praticamente a mesma distância. Nunca, desde os 11 anos de idade, trabalhei ou estudei a menos de 20 minutos de viagem da minha casa.

Nessas viagens, algumas relativamente longas, ficar olhando pela janela é uma diversão sem sentido. Depois de duas ou três passagens pelo mesmo caminho, já não há nada de novo para ver. Observar os outros passageiros pode provocar mal-entendidos do tipo “tá olhando o que aí, ô cara”!. Por isso, logo cedo resolvi dedicar esses momentos a adquirir cultura – a minha “cultura de ônibus”, que é parte fundamental do que eu sei.

Na infância e adolescência, sempre revisa a matéria para as provas durante as viagens – principalmente física e química. Até hoje não sei nada dessas matérias, mas, talvez pelo estudo nos velhos ônibus da Viação Pendotiba, passei sem maiores traumas pelo meu 2º Grau. Depois dos 15 anos, comecei a escrever nas viagens – geralmente poesia.

Muitos dos meus poemas nasceram nas viagens de ônibus, geralmente prontos. Não gosto muito de ficar revisando os ver-

sos, buscando a perfeição. Isso, quase sempre, mata a espontaneidade, aquele brilho inicial da idéia levada ao papel. No curto tempo em que existiu, a linha de ônibus ligando meu bairro ao centro de Tanguá proporcionou o nascimento de um livro de sonetos e a conclusão de três peças de teatro. O itinerário, por uma estrada de terra na zona rural do município, era também uma inspiração.

Agora, trabalhando em Araruama, passo cerca de duas horas do meu dia dentro dos ônibus da Viação 1001. Estou aproveitando para ler muito e sempre. Agora, depois de quase 20 anos do filme, estou lendo “A última tentação de Cristo”, de Nikos Kazantzakis. Nos últimos dez meses, desde que comecei a viajar neste caminho, já li coisas como o quinto e o sexto livros de Duna, os Sonnets de Shakespeare, uma coletânea de poemas de Lord Byron, o “Triunfo da Vida”, de Shelley, entre outros.

Até mesmo no dia, recente, em que passei pela insuportável experiência de um assalto a mão armada no ônibus, eu estava lendo – e até demorei para perceber o que estava acontecendo. Quando saí da ficção e percebi a realidade, juro que pensei em voltar para o livro até a gritaria do mundo à minha volta passar. Como seria bom voltar para o mundo dos sonhos e não sentir tão de perto a violência urbana ...

Acho que o tempo vai levar essa experiência amarga para aquele canto do cérebro onde ficam os episódios que devem ser esquecidos - bem no fundo, bem distante ... E o que vai ficar da minha relação pouco ortodoxa com o transporte coletivo será essa “cultura de ônibus” e, quem sabe, algum problema de vista.

Eu não acredito em astrologia!

Até porque ela não é mula-sem-cabeça, anjo, gnomo, fantasma ou extra-terrestre ...

Com certa freqüência, quando revelo às pessoas que sou astrólogo, me deparo com dois tipos de reação, com poucas variáveis. A maioria das pessoas fica curiosa e diz algo do tipo: “Que legal! Como é que isso funciona?”. Um grupo menor, com certo espanto (e por que não dizer, decepção) pergunta: “Como é que você acredita nisso?”, sentenciando em uma única frase toda a minha ignorância.

Gosto de falar sobre como a Astrologia funciona – e, não tenho dúvidas, pela experiência de quase vinte anos, **ela funciona**. O problema é que responder à segunda pergunta é algo que me irrita profundamente. Qualquer astrólogo iniciante sabe que uma pessoa com Lua e Saturno em Áries não é o tipo mais tolerante do universo. Se, além disso, tiver o Sol em Capricórnio, pior ainda. Pois é, eu sou este tipo.

Com a idade, a experiência e a batalha íntima que é viver em sociedade, desenvolvi a capacidade de me distanciar, uma postura quase brechtiniana. Devolvo a pergunta com outra pergunta e provo o interlocutor, deixando nele uma pulga atrás da orelha. Sei que não é possível convencer pessoas que nutrem preconceito em relação à Astrologia, ou aquelas que por qualquer questão religiosa vêm nela uma artimanha do demônio – a essas, nem dou conversa.

Num último esforço de ser razoável em relação ao assunto, queria deixar claro que a Astrologia não deve ser avaliada no quesito **crer ou não crer**. Há vários outros temas que aí se encaixam, coisas puramente místicas ou fantasiosas – do tipo simpatias, fantasmas, gnomos, etc. Como você não pode demonstrar sua existência ou eficácia, só apelando para a fé. A Astrologia independe de espiritualidade, religião, intuição ou paranormalidade. É tudo preto no branco: é só calcular, traçar o mapa, conhecer o que cada coisa significa, e tudo bem.

Certa vez, um médico homeopata, colega do meu sogro, argumentou que a Astrologia é uma besteira porque é baseada

em “convenções”: o planeta Marte, que recebeu esse nome por ser vermelho, cor do deus da guerra, acabou representando o princípio masculino, o as lutas e tudo mais associado à divindade mitológica, e assim por diante. Segundo ele, as ciências não podem partir de “convenções” que, em última análise, são arbitrárias.

Contra ele usei o seguinte argumento: “Você já viu uma reta?”. Sem entender o porque da pergunta ele respondeu: “É claro!”. Foi a deixa para eu espinaftrar a matemática. É óbvio que ninguém viu uma reta, que é algo infinito. Ninguém viu um plano, também infinito. O máximo que o olho humano são “segmentos de reta” e “polígonos”. O ser humano não concebe, de forma lógica, o que é infinito (o universo, Deus, a seqüência numérica, etc) apenas admite (ou acredita) que eles existem – de forma arbitrária.

Além disso, há a relatividade das coisas. Às vezes olhamos um arco e pensamos ser um segmento de reta – a linha do horizonte, por exemplo. Tudo bem, eu aceito a reta e o plano como verdades matemáticas, assim como aceito Deus como verdade espiritual, mas caberia perguntar “Você acredita em Matemática?” só porque a ciência mais exata estabelecida pelo homem parte de princípios arbitrários, como qualquer religião?

Talvez a prima-irmã da Astrologia não seja a Astronomia (que é filha do esforço dos antigos astrólogos caldeus, árabes e gregos), mas a Meteorologia. Em última análise, o princípio das duas é o mesmo: você observa por um longo período um fenômeno e torna-se capaz de antever o comportamento desse fenômeno. A intrincada relação entre correntes marinhas, ventos, marés, poluição, degelo dos pólos, e uma série de fatores, permite que os meteorologistas obtenham um quadro aproximado do clima.

Com a Astrologia, o raciocínio é semelhante. É claro que existem falhas, como naquele dia de chuva que era para ser “ensolarado”, mas a Medicina e a Engenharia também erram, e gente morre por isso. As ciências sociais, como a História, a Antropologia, a Sociologia e a Política, também são capazes de antever o futuro com base em padrões observados no passado.

Na minha avaliação, o que menos importa é estudar uma

possível relação de causalidade na Astrologia – do tipo “Marte em Áries **causa** isso ou aquilo”. A Astrologia trabalha com a sincronicidade de dois fenômenos distintos: os movimentos celestes e a vida humana. Uma coisa não causa a outra, elas apenas acontecem ao mesmo tempo. E há uma relação de probabilidade que deve ser levada em conta, como na Meteorologia. O dia “tende a” ser ensolarado – mas não reclame se chover.

Além disso, não vejo a menor necessidade de que a Astrologia seja chamada de ciência. Ela é, isto sim, um ramo do conhecimento humano, compilado por gerações de pesquisadores (entre eles, algumas das mentes mais brilhantes dos últimos três milênios) e como tal merece respeito.

O mundo: este eterno Coliseu

No circo romano de hoje, leões e vítimas vestem os hábitos mais variados

Depois da palavra **arma**, talvez nenhuma outra esteja tão relacionada a mortes, guerras e violência contra minorias do que a palavra **religião**. O fato de alguém não professar a sua fé, subliminarmente, lhe dá o direito de o perseguir até as últimas conseqüências – pelo menos é assim que a coisa funciona na prática, mesmo que a teoria seja diferente. Desde coisas pequenas, como o “atendimento cristão” (que tecnicamente diz “Ímpios, go home!”) a genocídios, tudo se justifica nas letras dos livros sagrados.

Mas, usando uma palavra tão presente no vocabulário religioso, a **culpa** é de quem? Deus, certamente, nada tem a ver com isso, chame-se ele Jeová, Alá ou qualquer coisa. A violência e o preconceito, a inveja e a intolerância são coisas puramente humanas. O problema reside exatamente aí: as religiões também são uma coisa absolutamente humana. Seus profetas e líderes, por mais iluminados que fossem, nada mais eram que homens – e só por esta frase eu poderia ser perseguido por uma dezena de credos.

Os grandes massacres religiosos estão aí, nas páginas da História e nos jornais, para não me deixar mentir. Os cristãos no Coliseu, os judeus pela inquisição católica e pelos nazistas, os muçulmanos pelos cruzados e vice-versa, os protestantes pelos católicos na “noite de São Bartolomeu”, os católicos pelos protestantes na Irlanda, os judeus e muçulmanos em guerra na palestina – enfim, uma lista que ocuparia páginas, não apenas parágrafos, de crueldades em nome de Deus. E esses são apenas os grandes crimes, aquilo que de tão vergonhoso salta aos olhos. Mas e os pequenos crimes e violências do dia-a-dia?

Certas pessoas afirmam que este fenômeno – o uso da religião como justificativa da violência – acontece porque certos credos são naturalmente violentos. Seria o caso do Islamismo, defendem essas pessoas. Nada mais estúpido – até mesmo as religiões mais pacifistas e cordatas perpetuam violências de al-

guma forma. O cristianismo, cujo profeta se entregou à execução sem pegar em uma arma para se defender, invadiu, pilhou, dizimou populações inteiras, queimou supostos bruxos e hereges, fez ouvidos moucos para as atrocidades nazistas e muito mais. E não estou falando apenas no Catolicismo, mas também dos ditos evangélicos – que no Brasil de hoje usam a mídia e a política para oprimir quem vai contra seus interesses.

O taoísmo nipônico justificou os vôos kamikazes, o pacífico hinduísmo – que deu ao mundo um ser iluminado como Gandhi – perpetua um sistema de castas tão cruel como um campo de concentração. Perseguidos e perseguidores se confundem, como se todos só enxergassem o demônio nos outros, não em si mesmos. Terrorismo, invasões de países, segregação social, abusos do direito – tudo na esteira da intolerância religiosa.

As teologias encobrem ranços e maniqueísmos e permitem, também crimes silenciosos. Quantas pessoas de diversas religiões morrem todos os dias por obedecerem ao dogma “não usarás camisinha!”, enquanto desobedecem certas regras sobre fidelidade ou castidade? Aliás, o sexo – uma atividade humana que não pode ser ignorada ou varrida para baixo do tapete – é um assunto muito mal resolvido pelas religiões.

Até a falta de religião, imaginem, é motivo para preconceito – tantos ateus perseguidos como hereges, tantos religiosos perseguidos pelos ateus com aquela velha casca de comunistas, stalinistas, maoístas (está aí o Tibet que não me deixa mentir).

Paralelo ao problema das massas movidas por representantes de Deus na Terra há a questão básica: não tenham dúvidas de que cada pessoa vê Deus de uma maneira diferente da outra. Entre dois indivíduos de uma mesma religião, sempre haverá duas visões sutilmente diferentes de Deus – no fundo, eles estarão discordando em algum ponto.

A verdade é que em nosso circo romano cotidiano, os leões e as vítimas vestem hábitos variados. A platéia, estupefata, nem percebe que a qualquer hora pode acabar ali, na arena, carregando a sua própria intolerância – ou a dos outros. Eu, que sempre fui adepto da opinião de que “religião não se discute” já não agüento mais ficar calado a respeito – só espero não ter que voltar ao assunto por aqui.

Réquiem para o transporte alternativo

Só mesmo os coreanos poderiam inventar um instrumento de tortura que se move

Já entendi porque quem produziu e disseminou pelo mundo as vans, peruas, topics, towners e outras latas de sardinha utilizadas no transporte alternativo foram os coreanos: você já viu um coreano típico? São pequenos, magrinhos, com gestos contidos. Em suma, cabem sem esforço em qualquer lugar. Sorte a deles.

Eu, que não sou assim tão alto para o padrão do brasileiro (pouco mais de 1,80m) nem estou tão fora de forma, sinto um desconforto indescritível quando sou obrigado, por qualquer circunstância, a viajar em uma delas. Só mesmo o desespero de um atraso iminente me leva a cometer essa loucura. E, é claro, o arrependimento bate logo depois, quando a sessão de tortura começa.

Hoje, perdi o ônibus por dois ou três minutos. Moro a 60 Km do meu trabalho e, geralmente, viajo nos ônibus que fazem a rota Rio-Cabo Frio. Como perdi aquele horário, estava fadado a esperar 45 minutos e, obviamente, chegar atrasado. Foi quando passou aquela van, convidativa, rápida, com o canto da se-reia: “sua salvação é aqui”.

O único lugar vago ficava na última fileira, aquela que deve ter sido projetada especialmente para transportar crianças. As pernas de um adulto, sem sombra de dúvida, não cabem lá. Viajei feito um canivete suíço, com todas as “ferramentas” dobradas. Por 45 minutos! O cidadão à minha direita tentava se equilibrar sobre o espaço para o pneu. O da esquerda, coitado, agonizava, espremido.

Entendam, não sou contra o transporte alternativo – longe disso – até porque ele tirou as empresas de ônibus de sua tranqüilidade. Os empresários sempre fizeram questão de maltratar o usuário, lotando os ônibus na hora do rush e diminuindo a oferta de veículos nos outros horários. No entanto, é preci-

so aplicar um mínimo de bom senso – quem sabe até a própria Declaração dos Direitos Humanos – ao transporte nas vans.

Agora, à noite, voltando para casa no confortável ônibus de viagem, com ar condicionado, arrumei espaço para escrever no meu indefectível bloquinho, ouvir um bom rock meu discman e ainda fazer um lanchinho. Se o celular tocar, vou poder atender com a maior facilidade, sem acotovelar ninguém. Melhor ainda: paguei mais barato e com vale transporte (o motorista da van de hoje não quis aceitar ...) Não tem comparação!

Tudo bem, eu sei que inventaram os tais "microônibus", que poderiam se chamar "microondas". Para mim, eles também são vans.

Só para fechar o assunto, num verdadeiro réquiem ao transporte alternativo, vou contar um episódio que seria trágico, se não fosse cômico, acontecido comigo no final do ano passado. Eu estava atrasado (isso acontece uma ou duas vezes no mês) e cometi a loucura: acenei para uma van que passava. Entrei, me espremendo, e antes que eu pudesse sentar, o motorista arrancou, cantando os pneus.

Desequilibrado, fui jogado para trás e acertei, literalmente, a bunda na cara de uma simpática senhora que, para o nosso azar, estava de óculos. Os meus oitenta e poucos quilos, graças à inércia, devem ter parecido uns duzentos no nariz da senhora, que (edipianamente) até lembrava a minha mãe. Quando recuperei a compostura, percebi que tinha desmontado os óculos e provocado um hematoma no nariz da passageira ...

Para piorar, tentei puxar conversa e me desculpar pelo acontecido. Ela começou a contar que a vida dela estava uma porcaria e que aquele acidente só fazia aumentar a sensação de que tudo estava dando errado. Acabei me sentindo um agente do mal na Terra ... Para me redimir, pedi para examinar os óculos e passei meia hora tentando consertá-lo – e, por algum milagre, consegui. Fiquei meses sem viajar de van.

Sou absolutamente contra os ônibus lotados, em que as pessoas se espremem e esfregam para tentar se locomover, mas tenho horror absoluto às câmaras de torturas móveis que passam por aí. Nos dois casos, é como usar um sapato três números menor: doloroso e degradante!

Heróis e vilões nos dias de hoje

Quando Brown Dirty Cowboy e Captain Fantastic dominaram o universo

Lembro-me sempre do título de um disco antológico de Elton John quando leio as últimas de George W. Bush, o aiatolá norte-americano, e Tony Blair, o verdadeiro rei da Inglaterra. O disco é “Captain Fantastic & The Brown Dirty Cowboy”, que fazia referência à parceria entre Elton John e Bernie Taupin e já é um clássico. Chego a sentir remorsos quando faço essa associação – mas não consigo evitar.

George W. Bush, por razões óbvias, é o próprio Brown Dirty Cowboy, uma estranha mistura de xerife com fundamentalista religioso. Chris Rock, o humorista negro americano que é um crítico ácido do “american way of life”, afirma que a massa do povo de seu país é composta por gente mediana ou medíocre. O problema, segundo ele, é que “um negro mediano vai viver uma vida inteira de privações e preconceito, enquanto um branco medíocre é o presidente do EUA”.

Bush encarna todos os meus nojos fundamentais. É como uma grande barata branca, que nem parece viver no lixo – mas vive. Diz que o programa nuclear da Coreia do Norte é “intolerável” sentado sobre o maior arsenal atômico do universo. Diz que vai levar democracia ao Iraque – na base da porrada. Diz que vão salvar a Amazônia, mas continua incentivando as casas de madeira que levaram ao desmatamento das florestas temperadas de lá. Melhor fazem os japoneses, que comem com seus pauzinhos mas não implicam com a floresta de ninguém.

Para que o dito Bush se hospedasse em um hotel de Brasília, recentemente, todos os moradores da “vizinhança” foram “evacuados”, o que, aliás, diz bem a situação do povo brasileiro.

Já Tony Blair é o Captain Fantastic, com pose de bom moço – aquele jeito que a gente conhece bem dos filmes de 007, muito charme só pra ferrar com você. A gente assiste a algum discurso do cara e vem logo a imagem de um Peirce Brosnan. Pela pose britânica ele até poderia ser o líder da dupla, mas deu azar de que os EUA estão no comando do universo conhecido.

Enquanto ajuda causas humanitárias, como o Live 8 e o perdão da dívida de vários países da África, Blair mantém as tropas britânicas onde os EUA exigem e libera a polícia de Londres para atirar primeiro e perguntar depois – que o diga a alma do brasileiro Jean Charles de Menezes, onde quer que esteja. A Scotland Yard, que já foi um mito de polícia perfeita, agora atira para matar com armas proibidas pela Convenção de Genebra.

Não se pode culpar o regime democrático pelo surgimento destas “bestas-feras” em seus países. Por aqui surgiu uma “besta-besta-mesmo!”, que não viu e não sabe da corrupção em seu governo, e até eu votei nele. Mentiras, às vezes, são muito convincentes. E as ditaduras são como um matadouro para onde vai primeiro o boi que esperneia.

O que tira a esperança do mundo é que Brown Dirty Cowboy e Capitain Fantastic, posando de democratas, estejam transformando o planeta Terra em uma ditadura como, digamos, a do Imperador Ming no Planeta Mongo – apenas para uma referência óbvia aos quadrinhos. Bush e Blair são vilões na pele de heróis, coisa antiga nos quadrinhos, mas são rasos, sem discurso, sem magia. Não provocam ódio – a não ser na massa islâmica inflamada por fundamentalistas e oprimida pelo Grande Satã. Causam, quando muito, apenas desprezo.

Pensei até em compará-los ao Darth Sidious, o Imperador, e a Darth Vader – mas me recuso a acreditar que Bush e Blair tenham a intensidade de algum dos vilões de Guerra nas Estrelas. Nem mesmo de Jabba, The Hutt.

God save the Queen!

Uma homenagem a Fred Mercury, a verdadeira personalidade do Queen

Fred Mercury completaria neste mês, no dia 5, 60 anos de idade, se a AIDS não o tivesse levado, em plena maturidade criativa, no final de 1991. É uma daquelas coisas que me levam a perguntar se há justiça nisso tudo – essa história de viver, morrer, cada um a seu tempo e do seu jeito. Será que se todos tivéssemos, sei lá, 80 anos certinhos pra viver e, naquele ponto certinho da vida, ela terminasse do mesmo jeito para todos, o mundo seria mais justo?

Não posso responder a pergunta, e acho que não tenho nada que me meter nesses assuntos metafísicos. Deus sabe bem o que faz. Além disso, sei que Fred Mercury tinha consciência de que pagou por seus excessos numa época em que a AIDS não tinha tanta divulgação quanto hoje, e ainda trazia aquela maldita pecha de “peste gay”. Quanta gente se sentiu imune e acabou infectado? Mas penso: por que será que os bons morrem antes?

Noutro dia, fiquei horas assistindo um especial sobre o cantor no History Channel. Na verdade, um documentário sobre a vida de Mercury e um sobre o show realizado pelos remanescentes do Queen (Brian May, John Deacon e Roger Taylor), em novembro de 1992, que contou com a participação da nata do rock e do pop na época. O Queen está no meu rol das cinco melhores bandas de rock de todos os tempos. Fazia canções retumbantes, operísticas, às vezes acusadas de fascistas (“We are the champions”, por exemplo), raramente só com violão ou piano. Era uma banda para sacudir a platéia, fazer grandes shows, encher estádios.

Sem Fred Mercury, não tenho dúvidas, os três colegas – apesar de ótimos músicos – não teriam essa visão e esse carisma.

Freddie era, na verdade, Farrokh Bulsara, nascido em Zanzibar, na época uma colônia britânica, hoje pertencente à Tanzânia, em 5 de setembro de 1946, na localidade de Stone Town. Bomi e Jer Bulsara, os pais do cantor, eram indianos de etnia persa. Mercury foi educado na St. Peter Boarding School,

uma rígida escola inglesa perto de Mumbai, na Índia. Foi lá que ele deu seus primeiros passos no caminho da arte, com aulas de piano e uma banda de rock – coisa surpreendente para a época e o lugar.

Uma revolução iniciada em Zanzibar levou Freddie e sua família a partir para a Inglaterra, em 1964. Lá, diplomou-se em “Design Gráfico e Artístico” na Ealing Art College, que já abrigara outro roqueiro famoso, Pete Townshend do The Who. Na faculdade ele conheceu o baixista Tim Staffell, de uma banda na faculdade chamada Smile, que tinha Brian May como guitarrista e Roger Taylor como baterista. Ele levou Fred para participar dos ensaios mas, em abril de 1970, com a saída de Tim, Freddie assumiu os vocais e a banda passa a se chamar Queen. Nessa época, Fred mudou o seu sobrenome artístico para Mercury.

Fred Mercury compôs muitos dos sucessos da banda, como “Bohemian Rhapsody”, “Somebody to Love” e “We Are the Champions”. Além da extensa discografia que produziu com o Queen – destaque para “A Night at the Opera” e “A day at the races”, dois discos conceituais e recheados de hoje clássicos do rock – Mercury lançou dois discos solo, inclusive uma parceria com a soprano Montserrat Caballé. Mercury era bissexual, mas só assumiu publicamente sua condição ao anunciar que estava com AIDS, um dia antes de morrer, em 24 de novembro de 1991 em Londres.

O irônico nisso tudo é que, daqui a pouco mais de dois meses, vamos estar lembrando os 15 anos da morte de Fred Mercury e a conscientização a respeito da AIDS ainda está engatinhando. Em países mais pobres, nem mesmo se sabe bem o que é isso. Os enfermos não têm direito ao tratamento – ponto no qual, felizmente, o Brasil está bem avançado.

Os dois documentários que assisti, pelo History Channel, têm a renda revertida para a Mercury Phoenix Trust, uma entidade fundada pelos membros remanescentes dos Queen para divulgação e apoio às vítimas da epidemia. Até 2002, a “The Mercury Phoenix Trust” já tinha doado e investido em pesquisa mais de 7 milhões de libras. O show beneficente que organizaram em abril de 1992 - “The Freddie Mercury Tribute Concert”

para homenagear o trabalho e a vida de Freddie – foi considerado um marco da união da classe artística em torno de um nome e uma causa. Outros especiais estão sendo exibidos na TV, como “Queen – The Magic Years”, que passou no Eurochannel. É bom lembrar de alguém assim.

Todos dizem que Fred Mercury não era só um grande artista – era também um grande cara. É assim que gosto de lembrar dele – ouvindo “Somebody to love”, “Don´t stop me now”, “Bohemian Rhapsody” ou “Save me”, dedilhando alguma coisa no violão. Só para dizer que um dia já toquei com Fred Mercury – uma honra!

Os advogados e o direito de defesa

Apenas quem já foi acusado injustamente compreende o valor do direito de defesa

Toda uma torcida se revolta com um erro de arbitragem em um jogo de futebol. Um pênalti não marcado, uma expulsão injusta, um gol em impedimento, são motivos para xingamentos e protestos que, muitas vezes, levam a atos de violência. O erro de arbitragem não é tolerado, porque envolve paixões. O erro judiciário sim.

As prisões, em todo o mundo, estão abarrotadas – e uma grande massa entre os presidiários é composta por inocentes, ou por criminosos que já cumpriram pena, mas que não foram libertados. Há, também, os que aguardam julgamento em uma interminável prisão preventiva, numa espécie de vestibular para o sistema penal. Aqui de fora, generalizamos – tratamos todos como culpados. A violência pandêmica tem muita culpa nisso.

Só que a realidade e a ficção ensinam muita coisa a quem vive a vida com disposição para aprender. Muito se reclama da Justiça brasileira, que é lenta e concede amplo direito de defesa. Falam em pena de morte, rito sumário, etc. Pois afirmo: bendito direito de defesa! Os erros acontecem, então, antes inocular um criminoso do que condenar um inocente. A Justiça é lenta por vários motivos – esse é apenas o menos relevante.

Numa abstração muito interessante, típica da ficção científica, o conto “O homem que inventou os advogados”, de Aléxis A. Gilliland, trata de uma sociedade onde não existe, como conhecemos, o direito de defesa, nem mesmo a figura controversa do advogado – onde todo mundo é culpado até que prove o contrário. Acredite, você não ia querer viver num lugar assim. Condenado por evidências, executado por denúncias sem prova.

Não são poucos os filmes e livros que remetem a erros judiciários – geralmente causados pelo cerceamento do direito de defesa ou a regimes autoritários, que substituem o direito pela força. Também há os casos de evidências forjadas, prisões arbitrárias por motivos como o preconceito racial ou perseguição política.

Quem não assistiu a algum filme, como “O fugitivo” e “Acima de qualquer suspeita” com Harrison Ford, ou “Justiça Vermelha” com Richard Gere, em que todas as evidências apontam para um inocente, que tenta provar que não fez nada.

Pior que a ficção, sem dúvida, é a realidade. Quantos inocentes condenados à morte ao longo da História – desde Sócrates, envenenado, passando por Joana D’Arc e milhares de mortos na Inquisição, milhares de decapitados na Revolução Francesa, executados na China de Mão ou na URSS de Stalin, inocentes anônimos condenados à cadeira elétrica, forca, paredón, câmaras de gás, em países ditos civilizados. Quantos linchamentos injustos.

A pena capital é cruel porque não pode ser reparada e o risco de erro deve ser sempre considerado. Oferecer a um acusado o pleno direito de defesa é fundamental para que se reduza essa margem de erro. Os recursos judiciais e *habeas-corpus*, que tanto nos irritam em casos como os de Paulo Maluf e José Dirceu, são instrumentos jurídicos válidos e – diria até – necessários à vida em sociedade. Se, por motivos diversos, um pobre não tem o mesmo acesso a eles, é um erro do Estado, não da Lei.

Talvez apenas quem já foi, algum dia, acusado injustamente de alguma coisa, por menor que fosse, entenda a importância do direito de defesa. A injustiça dói.

Sinceramente, até mesmo nos recentes escândalos políticos como o caso do Mensalão de Roberto Jefferson, José Dirceu e companhia, das falcatruas de Paulo Maluf, no abuso eleitoral de Anthony Garotinho, e tantos outros com os quais nem vale a pena gastar palavras, não acredito na inocência dos acusados. As provas levarão à condenação, quando o direito de defesa for esgotado. E, em último caso, ainda existe a justiça divina, que não falha.

Prefiro o jogo assim, do que ficar depois, na torcida, xingando o juiz pelo erro cometido.

A lira dos vinte anos

Porque escrever poesia é a minha melhor maneira de falar

Tomo emprestado o título de um célebre livro de Álvares de Azevedo para falar não sobre os vinte anos de idade – a juventude e suas particularidades – mas sobre os meus vinte anos de poesia. É uma coisa engraçada, mas guardo exatamente o dia em que comecei a escrever poesia: de abril de 198. Meu primeiro poema, um soneto, está datado, na velha folha de caderno em que ficou, talvez para que eu nunca me esquecesse daquele dia.

Eu já havia tentado escrever alguma (pouca) coisa em versos desde os meus 13 anos, mas era algo tão ruim (e minha autocrítica era, simplesmente, terrível) que nada sobreviveu. Até aquela época, eu desenhava constantemente e achava que esta seria a minha forma de expressão. Só que a adolescência sempre reserva surpresas. Alguns mestres vieram e me mostraram aquele novo caminho.

Não conheci qualquer um deles pessoalmente, mas sei que entrei em contato com a sua essência. Com pouco dinheiro no bolso, mas com aquela sede de conhecimento que me move, eu perambulava por livrarias e lojas de discos. Nos sebos, comecei a comprar edições antigas (para não dizer velhas) de alguns poetas. Outros vieram com os livros de bolso, na época bem baratos, da Ediouro. Os brasileiros, de várias épocas, chegaram primeiro: Bilac, Bandeira, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Cruz e Souza, Gregório de Mattos, Drummond, Vinícius ...

Aqueles livros, que reuniam “o melhor de...” ou “poesias completas de...”, abriram meus horizontes como leitor e plantaram a semente do escritor que, desde então, venho lutando para me tornar. Com eles aprendi coisas “fora de moda”, mas úteis para quem quer escrever poesia sabendo o que faz, como rima, métrica e formas clássicas – o soneto, por exemplo. Principalmente, entendi que é possível levar o nosso mundo (íntimo ou externo) aos outros, para nos fazer ouvir.

Sinto que, como capricorniano que sou – um pouco lento, é verdade – ruminei aquelas informações por algum tempo, talvez meses, até que naquele dia 5 de abril fui compelido a escrever. A escolha do soneto, por estranho que pareça, foi natural – era o que eu mais gostava de ler. Durante seis meses escrevi quase duzentos sonetos, e uma quantidade muito menor de outros poemas.

A maioria desses primeiros versos hiberna hoje em uma pasta, pois grande parte é realmente irregular e fruto da necessidade (quase física) de escrever. Mas muitos deles venceram minha autocrítica (ainda terrível) e se mantêm vivos, reunidos em livros que nunca publiquei, pois nunca sobrou dinheiro ...

Nos três anos seguintes, produzi muito, e a poesia ganhou a cara que tem hoje. Disse-me um amigo que foi aí que meus versos ganharam “personalidade”, ou seja, ficaram com a minha cara. Eu escrevia em qualquer lugar, a qualquer hora, causando até algumas situações insólitas. Nessa época, quando terminei o segundo grau e entrei para a faculdade de jornalismo, tomei contato mais direto com outros poetas que pouco lera até então.

Fernando Pessoa e Florbela Espanca – para mim, parte da trindade portuguesa com Camões – Baudelaire, Shakespeare, Byron, Shelley, Dante, Neruda, tantos que não poderia citá-los todos. Brasileiros como Jorge Lima, e sua fantástica “Invenção de Orfeu”, e os poetas da “Geração do Mimeógrafo” dos anos 70, como Leminski, Ana C., Chacal e Cacaso – que desbundaram minha poesia, deixando-a mais sucinta, às vezes como um ideograma. Ah! É claro que há influências diretas, pessoais. Os amigos poetas com que convivi, em diferentes épocas da vida, muitos que não vejo há vários anos.

Deste caldeirão de influências, que sempre faço questão de citar por absoluta reverência, nasceu esse poeta que hoje completa vinte anos de versos, mas havia outro ingrediente na mistura que precisa ser citado: a minha experiência pessoal. Todo poeta, por mais influências que receba, traz em si um DNA único, intransferível, que faz de sua poesia (independente do que se

possa chamar “qualidade”) a “sua poesia”.

Com os blogs que pari neste ano, posso compartilhar meus versos e esta história com velhos e novos amigos. A todos vocês, que lêem o que escrevo, meu agradecimento. Quem sabe isso me leve a mais outros vinte anos de poesia.

Detalhes prosaicos do meu dia

Porque não há nada melhor do que um sábado em família

Há alguns minutos me dei conta de como as coisas que faço em um dia prosaico de fim de semana falam sobre a minha personalidade. Hábitos e manias, inevitáveis, ganham certa amplitude no fim de semana, quando a rotina do trabalho não está presente. Percebi que há sempre a família à minha volta – e sempre arte, cultura, informação – e isso é fundamental na minha vida.

Antes das nove da manhã, creiam, resolvi assistir “Hamlet”, o filme de Kenneth Branagh, da obra de Shakespeare. Acho que assisti a todos os filmes sobre peças de Shakespeare do último século. Li e reli as peças. Fico ruminando os seus “Sonnets” de vez em quando, como um mantra. Resultado: não resisti. Sou fã de Shakespeare e de Branagh, e fiquei lá, por três horas (com interrupções ocasionais), revendo um filme quase decorado, cena a cena. É até doentio, reconheço, mas foi uma ótima manhã de sábado.

Por volta da hora do almoço, enquanto dava um jeito na bagunça do escritório, ouvia música – o disco da vez é o concerto do Deep Purple, com orquestra, realizado em Londres, em 1999. Rock da melhor qualidade e música clássica, num casamento perfeito.

Depois do almoço, e de uma passadinha na Internet, assisti a uma hilariante entrevista com Robin Williams, no programa Inside The Actors Studio – o humor verborrágico do ator de “Bom dia Vietnã” é algo que não pode ser desprezado – e desfrutei de momentos de preguiça absoluta, com meu violão, na rede da varanda.

Às 16 horas, outro traço cultural: peguei o radinho de pilha para ouvir Flamengo X Vasco. Faço isso desde a infância. Aque-la falação louca que leva você até a arquibancada é incrível. Locutor, comentarista e repórteres que deixam você como se estivesse “à beira do gramado”: era isso que eu queria ser, quando ingressei no jornalismo, mas a vida muda um pouco o rumo

dos sonhos. Ao final, mais uma derrota do Mengo. A fase não está boa mesmo. Fiquei muito tempo tirando músicas antigas no violão, para me acalmar.

Lá pelas 19:30, reuni a família para assistir os “Thunderbirds” – filme com atores de verdade substituindo as marionetes da série clássica. Lembrei da minha infância, da TV em preto e branco, dos bonecos e histórias mirabolantes. Tempo bom quando até mesmo as séries inglesas, como “Espaço 1999” e “UFO” chegavam à TV aberta brasileira. O filme, realmente, não é a mesma coisa que a velha série, mais ainda é bem divertido.

A família, aliás, faz parte dessa rotina, o dia todo. Todo mundo ouve música, cada um na sua; as tribos se revezam na TV; os amigos das crianças lotam a varanda no meio da tarde; minha esposa, às voltas com seu Feng Shui, coca-cola e chocolates, ligada em tudo que se passa; as risadas e os estresses que fazem parte do viver em uma comunidade de seis pessoas.

Concluo que a felicidade existe – e que construí a parte mais importante dela ao semear esta família, ao optar por estar com ela o máximo de tempo possível, ao “plantar meus amigos, meus discos e livros”, como dizia a canção.

Que felicidade tamanha neste sábado, mesmo com a derrota do Flamengo (afinal, nem tudo é perfeito).

Um olhar sobre o passado

Depois de mais de 10 anos os “Instantâneos do passado” sobrevivem

Em agosto de 1992, três jovens fotógrafos itaboraienses apresentaram na Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres uma exposição que marcou época na cidade: INSTANTÂNEOS DO PASSADO. Eram 50 fotografias, selecionadas entre mais de mil fotogramas, que faziam um registro documental de parte do conjunto arquitetônico e histórico de Itaboraí.

Eu tinha cerca de dois anos militando na imprensa de Itaboraí e a inclinação natural para me aproximar do jornalismo cultural fez com que conhecesse os fotógrafos - Márcio Soares, Ronaldo Soares e Marlus Coutinho Suhet. Seu trabalho era a primeira e verdadeira luz que eu vislumbrava naquele quadro de pouco incentivo à cultura em que a cidade estava mergulhada. No qual, aliás, ainda está ...

Era uma ponte - um trabalho que relacionava o passado, o presente e o futuro de uma cidade que já viveu períodos de glória, mas que há várias décadas vem declinando rumo ao fundo do poço. Por isso, sua importância não poderia ser medida de forma correta naquela época, mas sim num futuro que ainda não está bem definido. Talvez, daqui a cem anos, essas fotos sejam o único registro de Itaboraí no final do século XX, quem sabe.

O mais incrível é que, hoje mesmo, já entrando no século XXI, não há nada tão significativo como forma de resgate da história e da mística de Itaboraí como os instantâneos que os três, despreziosamente, registraram. O diferencial daquele trabalho era, sem dúvida, a poesia - entenda-se bem, usando poesia como sinônimo de sensibilidade. Era uma arte dos sentidos, que não encantava apenas o visual, mas sim nos transportava a tempos e lugares outros.

Como poetas da imagem, Márcio Soares, Ronaldo Soares e Marlus Suhet pinçaram pérolas entre um patrimônio que - sempre belo e significativo - estava em grande parte abandonado, desprezado, esquecido. Havia um certo sentido de urgência em

registrar aqueles INSTANTÂNEOS, antes que tudo ruísse na falta de preservação. Era preciso “refrescar a memória” ou, simplesmente, abrir os olhos de uma cidade para a sua própria beleza.

Em pouco mais de um mês de trabalho, os fotógrafos percorreram lugarejos, distritos e fazendas de Itaboraí, revelando um acervo arquitetônico desconhecido para a maioria dos moradores da própria cidade. A maior parte dos monumentos registrados são construções dos séculos XVII a XIX, um período marcante na história de Itaboraí, em que a cidade desfrutou de importância econômica e política no Estado do Rio de Janeiro e até mesmo no país.

Ao olhar atento de Marlus, Márcio e Ronaldo não escaparam nem mesmo pequenos detalhes. Estavam lá, na exposição, o calçamento de pedras feito há mais de dois séculos, em Porto das Caixas, as Ruínas do Convento Macacu, erguido pelos jesuítas há mais de 300 anos, o Centro Histórico de Itaboraí - que reúne a Igreja Matriz de São João Batista, a Casa de Cultura, a Câmara e a casa do Visconde de Itaboraí, hoje abrigando a Prefeitura - casas de fazenda, igrejas de várias épocas, estações de trem, e muito mais.

Não tenho dúvidas de que os três fotógrafos não tinham a idéia exata da importância do trabalho que estavam realizando, e talvez por isso - por esse espírito amador que guia os verdadeiros artistas - a exposição INSTANTÂNEOS DO PASSADO tenha se transformado em um momento raro. Ainda hoje, o acervo de fotogramas feitos para a exposição mantém-se como o mais significativo produzido sobre Itaboraí.

Ao longo dos anos que se seguiram à exposição, o projeto de um livro para eternizar aqueles INSTANTÂNEOS DO PASSADO sempre esteve em pauta. Era um sonho, não só de Márcio, Ronaldo e Marlus, como também de várias outras pessoas interessadas na preservação da memória de Itaboraí - hora de ressaltar o nome do produtor cultural Sérgio Espírito Santo, que não se cansa de buscar meios para transformar esse acervo em livro. Em 1996, quando do lançamento de uma coletânea com músicos locais, chamada MÚSICA POP DE ITABORAÍ, lá estavam os INSTANTÂNEOS DO PASSADO, compondo a capa

do disco, e seguindo vivos na memória.

No ano 2000, cheguei a pensar que o projeto sairia do papel. Fui chamado para escrever um prefácio, ou coisa do gênero, e fiquei alguns dias com uma pasta cheia das provas de contato da exposição. Era como recolher a história nas mãos, guardar em minha casa toda uma cidade. Uma emoção que não pode ser descrita, sem o uso da poesia. Parte do texto que produzi está aqui, nesta reflexão ...

O que me incomoda é saber que lá entre aqueles que comandam os destinos da cidade, do estado, do país, raramente vive alguém com alma de artista, com espírito ligado à cultura, com algum compromisso com a preservação histórica, enfim - dificilmente pode-se encontrar um poeta. São quase todos técnicos que trabalham com fórmulas ou políticos que trabalham com votos. E, talvez, na matemática fria desses que nos governam, cultura e preservação histórica não gerem votos. É uma pena.

Já vão longe os mais de dez anos, desde que Márcio Soares, Ronaldo Soares e Marlus Suhet saíram por Itaboraí, com as câmeras na mão e uma idéia na cabeça, em um trabalho que eles mesmos classificavam como “modesto”.

Mesmo tendo, hoje, suas carreiras e sua vida estruturada, os três ainda não possuem meios para bancar uma edição com seus instantâneos, com a qualidade que o acervo merece. Itaboraí também não possui uma editora com condições de bancar o projeto, fruto de anos e anos de estagnação. Pior do que isso, em pleno século XXI, Itaboraí não tem sequer uma livraria. Se não fosse a atitude magnânima de Joaquim Manoel de Macedo, ainda no século XIX, talvez hoje a cidade nem tivesse sua biblioteca pública. É um quadro desolador.

Nesses anos, desde que foi realizada a mostra INSTANTÂNEOS DO PASSADO, aquilo que era “modesto”, tornou-se fundamental para a preservação da memória do município, transformando-se no maior trabalho de resgate iconográfico de Itaboraí. Se aqueles que nos governam não conseguem enxergar isso, só me resta continuar gritando - é o que sei fazer melhor.

Orfeu, o mito reinventado

**Jorge de Lima e Vinícius de Moraes
deram novas vidas ao mito grego**

Na segunda geração de poetas modernistas brasileiros um mito grego exerceu um fascínio especial: Orfeu. Também, pudera: um semi-deus que se dedicava à música, capaz de atos de heroísmo a toda a prova, tão apaixonado por uma mulher que vai buscá-la no reino dos mortos. Lá está ele entre os argonautas, ajudando Jasão a chegar até o velocino de ouro. Traz em seu espírito o dom da tragédia e o dom da música.

Os modernistas brasileiros reinventaram Orfeu em duas obras que marcaram época pela qualidade e pela antecipação de tendências. Em 1952, o poeta alagoano Jorge de Lima lançou sua obra mais surpreendente, um épico psicológico chamado “A Invenção de Orfeu”. Quatro anos depois, em 25 de setembro de 1956, estreava no Teatro Municipal do Rio “Orfeu da Conceição”, o mito transposto para o ambiente das favelas cariocas por Vinícius de Moraes.

Tenho uma relação de amor profundo pelas duas obras. “A invenção de Orfeu” é meu livro de cabeceira, levo para todos os lugares e não é incomum que me vejam com o exemplar de bolso em uma fila de banco, no ônibus e na sala de espera de um médico. É um livro inesgotável. A cada vez que você lê, ele revela milhões de novos sentidos, palavras, imagens que tinham passado despercebidas na leitura anterior. O poeta que sou hoje tem muito deste Jorge de Lima surrealista.

Confesso que, nos meus anos de colégio, Jorge de Lima era o menos importante dos modernistas. Não gostava dos textos compilados nos livros escolares. Ele, que começou parnasiano com seus XIV Alexandrinos, viajou pela poesia social, sempre hábil no jogo com as palavras. Só descobri “A invenção de Orfeu” através de Geir Campos, em seu “Pequeno dicionário de arte poética”, outro livro a ser lembrado. Lá estão, no verbete “Variantes”, dois sonetos do livro de Jorge de Lima – maravilhosos.

Procurei até encontrar. Rato de sebos, achei o exemplar de bolso que me acompanha até hoje. O engraçado é que antes de

mim, o livro pertenceu a um estudante que estava obcecado em provar possíveis plágios de Jorge de Lima, considerando esta uma obra menor. Abro as páginas e sempre me deparo com alguma anotação, e duvido muito que o rapaz tenha sentido o prazer de ler um texto tão vasto. Composto à moda camoniana, “A invenção de Orfeu” tem dez cantos e conta uma história épica sob um novo ponto de vista: a alma humana. É pura música, associações desconcertantes, surrealismo, poesia brasileira da melhor qualidade.

Já “Orfeu da Conceição”, que reuniu pela primeira vez dois gênios brasileiros – Vinícius de Moraes e Tom Jobim – é um marco (às vezes desprezado) do nosso teatro. Cinquenta anos depois, vivemos a época dos experimentos, do vale-tudo literário e teatral. No Brasil dos anos 50 reunir um elenco apenas de atores negros, para recontar um mito clássico transposto para uma favela, com certeza, era um passo gigantesco. Tanto que a crítica – sempre ela – em geral não gostou do que viu.

Mas a importância de “Orfeu da Conceição” não pode ser medida pelas críticas equivocadas da época – e sim, pelos seus anos de história. Como ressaltou o jornalista João Máximo, foi aí “que começou a nascer o teatro musical brasileiro (...) que integra fala, canto e dança para contar uma história com início, meio e fim”. Outro gênio fazia parte da equipe, o arquiteto Oscar Niemeyer, que assinou o cenário daquela montagem – que foi aplaudido quando se abriram as cortinas para o primeiro ato.

Tom Jobim entrou no projeto depois da desistência de Vadico, que considerou dar música às palavras de Vinícius uma tarefa grande demais. Infelizmente, as duas transposições para o cinema da obra não deram à dupla Tom e Vinícius o espaço que a montagem teatral original teve. Em “Orfeu do Carnaval”, de 1958, dirigido por Marcel Camus, não estava a “Valsa de Eurídice”. Por incrível que pareça, o filme transformou a canção “Manhã de Carnaval”, de outra dupla, Luiz Bonfá e Antonio Maria, em sucesso internacional. Ganhou até Oscar, mas Vinícius não gostou.

A filmagem mais recente, de 1999, trouxe Toni Garrido, cantor do grupo Cidade Negra, como Orfeu. O diretor Carlos

Diegues se socorreu de Caetano Veloso para criar novas músicas para o filme, talvez por considerar as composições originais desatualizadas. Com isso, tirou muito da alma de Tom e Vinícius e perdeu um pouco do sentido em resgatar no tempo um texto tão importante.

De vez em quando passo por aquelas crises: “e se eu nascesse em outra época?” ou “se eu tivesse uma máquina do tempo?”. Pois se eu viesse ao mundo uns quarenta anos antes ou passasse pelo Rio de Janeiro dos anos cinqüenta, certamente compraria a primeira edição de “A invenção de Orfeu” e estaria lá, no Teatro Municipal, para assistir a estréia de “Orfeu da Conceição” – textos fundamentais nas letras brasileiras.

Um tempo para Gentileza

O profeta bem que poderia dar nome à mais importante medalha da nação

Tenho vontade de sugerir ao governo – qualquer um – a criação da mais importante medalha do país: a Medalha Gentileza. Nada de medalha Tiradentes, Pedro Ernesto, Cruzeiro do Sul. Tudo isso é muito importante, mas já está ficando banal, perdeu o sentido – hoje em dia todo mundo ganha, é igual aos “Títulos de Cidadão” que as cidades distribuem a torto e a direito.

A Medalha Gentileza iria para os heróis anônimos, os loucos que persistem em lutar contra os abismos que separam um ser humano do outro, aqueles que doam uma mensagem e não esperam nada em troca. Uma medalha para os que acham possível mudar o mundo com um sorriso, uma palavra, um olhar.

Nada de grandes utopias políticas, sistemas econômicos, revoluções armadas, teses de mestrado. Nada de intelectualismos herméticos. Nada de bravura em batalha, doutrinações religiosas, benemeritices sociais de qualquer tipo. Nada de esmolas governamentais e programas eleitorais de divisão de miséria disfarçados de distribuição de renda. Apenas um sorriso desinteressado quando o mundo parece cair sobre nossas cabeças. Só amor, porque o resto é vazio.

O patrono da medalha seria, para quem não conhece, o Profeta Gentileza – ou melhor, José Dadrino – uma lendária figura que circulou pelas ruas do Rio por quase quatro décadas, levando uma mensagem diferente. Nascido em 11 de abril de 1917 em Cafelândia (SP), Dadrino tornara-se um próspero empresário do ramo dos transportes quando na véspera do Natal de 1961 acordou ouvindo vozes que o mandavam abandonar tudo, esquecer das coisas materiais e dedicar-se apenas ao mundo espiritual.

Poucos dias antes, em 17 de dezembro, acontecera uma das maiores tragédias circenses da História, o incêndio do Gran Circus Norte-Americano, em Niterói (RJ), onde mor-

reram mais de 500 pessoas, a maioria crianças. José Datrino pegou um dos seus caminhões e foi para o local do incêndio. Lá, no lugar que seria seu lar por quatro anos, movido de uma fé que muitos chamavam loucura, plantou jardim e horta sobre as cinzas. Confortou os familiares e vítimas da tragédia, passando a ser chamado por todos “Jose Agradecido” ou “Profeta Gentileza”.

Nos anos seguintes, peregrinou pelas ruas de Niterói e Rio, levando sua mensagem. Era uma presença constante nas barcas que faziam a travessia entre as duas cidades, nos trens e ônibus. No meio do stress diário da metrópole, ele vivia seu ritmo e dizia a todos que era possível viver a vida com gentileza, em paz. A partir de 1980, Gentileza assumiu uma nova missão: pintar mensagens em 56 pilares do viaduto do Caju, entre o Cemitério e a Rodoviária. Era o registro de sua visão do mundo e sua proposta de mudança.

Após a sua morte, em 29 de maio de 1996, os painéis do profeta Gentileza foram alvo de pichações e, depois, apagados – cobertos por uma indescritível tinta cinza, num momento de rara insensibilidade do governo municipal do Rio. O episódio virou uma linda música de Marisa Monte – ela mesma uma artista que mereceria a Medalha Gentileza, caso fosse criada. Por sorte, a insanidade política não dura para sempre e os painéis do profeta foram restaurados, entre 1999 e 2000, pela Prefeitura.

Possivelmente, em qualquer lugar do mundo há pessoas como Gentileza. Muitos não têm casa, não têm emprego – são tratados como insanos, porque é loucura ser gentil. Alguns foram movidos por tragédias pessoais, pela perda de familiares, a dor mais profunda, mas, ao invés de cultivar o rancor e promover a violência, decidiram levar carinho ao semelhante.

Gentileza era assim, e devia mesmo dar nome a uma medalha – uma condecoração etérea que fosse, uma rosa, um aperto de mão, algo que simbolizasse a esperança na salvação do homem. Pensei em sugerir isso ao governo – qualquer um – mesmo achando que os políticos não entendem nada desses assuntos. Mandaram apagar e restaurar as pa-

lavras de Gentileza, como quem não sabe o que faz ... Por que fariam dele uma medalha?

Mas se eu perder a fé na humanidade, de que valeria ter lido as palavras do profeta?

Viagem aos anos 70

“Almost Famous” é uma máquina do tempo em forma de filme

Gosto de filmes despretensiosos. Gosto de filmes que contam uma época em que vivi, por outro ponto de vista. Gosto de música. Por tudo isso, gosto e recomendo o filme “Quase Famosos” (Almost Famous), de 2000. Dirigido e escrito por Cameron Crowe (de “Jerry Maguire” e “Vanilla Sky”, ambos com Tom Cruise), o filme é uma alegoria autobiográfica, uma homenagem aos anos 70, mais ainda ao rock dos 70.

Já no início, quando o protagonista, William Miller, ainda um garoto, é apresentado ao rock no final dos anos 60, acontece um momento mágico. O garoto herda a coleção “clandestina” da irmã mais velha – e lá estão o Who, Hendrix, o Yes, o Led Zeppelin, e tantos outros. Fiz essa mesma viagem, 10 anos mais tarde, quando ouvi “Black Dog” do Zeppelin pela primeira vez ... Aquilo mudou minha vida, e não dá para não sentir saudades do garoto que fui assistindo ao filme.

Só que os anos 70 – os dias em que vivi minha infância – foram um pedaço especial do tempo, uma era de estranha criatividade e de mudanças regadas a sangue mundo à fora. Não foram anos fáceis. A chamada revolução sexual que teve início nos anos 60, chegou ao auge na década seguinte. A ecologia teve seu primeiro grande momento com a conferência de Estocolmo, em 1972. O terrorismo deu as cartas, várias vezes, a começar com o atentado nas Olimpíadas de Munique.

Não tenho medo de dizer que muito do caos que vivemos hoje se originou nos 70. As ditaduras de direita em toda a América Latina, originando futuras democracias falidas e desmoralizadas. Os últimos anos da guerra do Vietnã gerando outras “cruzadas” americanas contra fantasmas do próprio passado. O milagre econômico gerando o aquecimento global, o esgotamento dos recursos naturais, a fome no terceiro mundo, o fim do comunismo para o início de sabe-se lá o que.

No Brasil, os 70 foram uma âncora, impedindo que o país navegue para longe de suas dores. A ditadura, a guerrilha, a

tortura, a morte – um amálgama de rancores que não termina nunca. O tráfico e as organizações criminosas de hoje superaram muito os “Lúcios Flávios” da época, mas nasceram naqueles dias, como sindicatos do crime. A MPB de hoje ainda é referenciada pelos Chicós e Caetanós daqueles dias. Gil virou ministro. Wagner Tiso perdeu a ética. O futebol perdeu a magia. O parceiro de Raul Seixas virou o escritor brasileiro mais lido no mundo. Os 70 foram, como diziam os artistas da época, um desbunde.

“Almost Famous” não fala sobre isso, nem sabe que o Brasil existe, não nota o Vietnã, passa pelas drogas como se fosse vento, e sobre a revolução sexual só mostra a vida das “marias-guitarra”, as fãs que acompanhavam (em vários sentidos) as bandas de rock pelas turnês. Neste ponto de vista, é um filme que nada acrescenta. Na verdade, Cameron Crowe fez outra viagem aos 70, pegou outra máquina do tempo.

Ele viajou aos “seus” anos 70, à visão particular de um adolescente que gostava de rock, queria ser jornalista e que, por um lance do destino, embarca numa viagem pelos EUA como repórter da Rolling Stone, seguindo uma banda que tenta o estrelato, ou seja, é “quase famosa”: a Stillwater. Tudo regado a muita música – a trilha inclui Elton John, Yes, The Who, Led Zeppelin, Cat Stevens, Lynyrd Skynyrd e outros. Fala mais sobre o amadurecimento do jovem William Miller, entre paixões e amizades, do que sobre o mundo estranho que girava em volta.

O elenco revelou a bela Kate Hudson, trouxe Anna Paquin (a Vampira dos “X-Men”), o premiado Philip Seymour Hoffman (de “Capote”) e um garoto de talento, Patrick Fugit, na pele do protagonista. De tão desprezioso, “Almost Famous” levou o Oscar de melhor roteiro, recebeu duas indicações ao Golden Globe, incluindo melhor filme ... e virou um dos meus filmes de cabeceira – o que já é coisa à beça.

Olho para aquele garoto, cheio de sonhos, abraçando o jornalismo, cruzando um país ao lado de uma banda de rock, e me vejo nele. Pelo menos, vejo muito dos meus sonhos esquecidos. Se você um dia sonhou em ser roadie da sua banda favorita, talvez entenda o que eu quero dizer.

Vivendo a natureza de verdade

O momento de contato direto com a natureza é inesquecível

Em 2002 participei de uma experiência emocionante, que recomendo a qualquer pessoa: o contato direto com a natureza. A gente das cidades – pessoas que esbarram umas nas outras em grandes avenidas, fugindo de carros em disparada e assaltantes em cada esquina – muitas vezes esquece que o mundo não é só isso, que a vida em seu estado bruto, pleno, ainda pode ser encontrada. Um momento de contato absoluto com a natureza faz de qualquer homem um ecologista.

Naquele ano, visitei o manguezal de Itambi, na cidade de Itaboraí – Região Metropolitana do Rio. A menos de 40 quilômetros da capital, cercada por veios de poluição que partem das cidades vizinhas (onde moram quase 2 milhões de pessoas), o manguezal fica na chamada Área de Proteção Ambiental de Guapimirim. São quilômetros de mangue, vários pontos bem preservados, outros já muito poluídos pelo despejo de esgoto. Eu escreveria um roteiro para um documentário, que nunca saiu do projeto, e o texto sobre uma exposição fotográfica.

O mais incrível é que, por mais de 10 anos, eu morava bem próximo do manguezal de Itambi, por quase cinco anos fui assessor de imprensa da Prefeitura e nunca me dera ao trabalho de visitar o local. Mangue me trazia à mente o cheiro de peixes podres, sujeira, árvores mergulhadas no lodo ... Naquele dia, entrei no barquinho com o medo natural de quem não sabe nadar e é alérgico a mosquitos, mas o meu preconceito com relação ao mangue morreu num piscar de olhos.

Um dos mais fascinantes ecossistemas, nesse caldeirão de vida que é o planeta Terra, o manguezal é uma região em que o encontro das águas doces dos rios com a água marinha cria condições de vida muito especiais. O solo inundado e com baixa concentração de oxigênio abriga plantas que utilizam raízes aéreas para retirar o oxigênio que necessitam do próprio ar. Um celeiro de espécies, que vão desde crustáceos e peixes, até aves migratórias que encontram por lá o seu sustento.

Itaboraí, desde cedo – muito antes de Cabral e seu descobrimento – já tinha sido abençoada por esta beleza natural. Os rios que deságuam na Baía de Guanabara abrigam uma população de peixes exuberante e, mesmo com os séculos de poluição desenfreada em virtude do crescimento populacional, continuam belos. Um passeio de barco em suas águas é, para o cidadão comum, um momento inesquecível de absoluto contato com a natureza, pois as paredes de vegetação às margens nos deixam isolados dos sinais de civilização. Melhor assim ...

No entanto, para a população que há dezenas de anos vive da exploração da pesca e dos caranguejos, o contato com a natureza é a rotina diária – que começa muito cedo, ainda na infância, e segue por todos os anos de vida produtiva. Com o caranguejo, que para eles é muito mais que um produto, os catadores têm uma relação de amor e ódio – sua vida é caçá-los e capturá-los para a venda, mas é preciso preservá-los, para que o sustento dure por mais muitos anos. Tanto o caranguejo, por ser um animal pouco acostumado à convivência e que se defende com toda a garra, quanto o catador de caranguejo – um exemplar clássico da força do homem perante o meio – sofrem pelo preconceito, e lutam para sobreviver.

Entrar em contato com o mangue faz pensar sobre essas coisas – o quanto o homem é capaz de se adaptar ao meio ambientes, e, por outro lado, consegue moldar o meio à sua maneira – destruindo o que a natureza levou bilhões de anos para criar em, talvez, mais duas gerações. Foi nesse exuberante ecossistema que o fotógrafo Sandro Giron encontrou a surpresa e a maravilha da vida, surgindo da lama como o homem do barro. O olhar atento e sensível do fotógrafo registrou o tempo, que parece mais lento por aquelas bandas, e reuniu nesta exposição o cenário e os personagens do incrível teatro da vida.

Eu, que não tenho habilidade com uma câmera, mas insisto em lutar com as palavras, repito aqui o que escrevi para a apresentação da exposição, àquela época: “é a natureza bem no seu quintal, enquanto você assiste ao Globo Repórter, na sala de casa”. Vivemos a era do conhecimento virtual, ficamos em casa vendo documentários ecológicos pela TV ou pesquisando na Internet, quando pode ser tão fácil viver a natureza de verdade.

REALIDADE NUA E CRUA
e outras histórias

SOBRE O AUTOR

WILLIAM MENDONÇA

Poeta, cronista, dramaturgo e compositor,
nascido em Niterói - RJ, em 1968,
e radicado em Tanguá-RJ.

Seu trabalho artístico começou com a poesia, em 1985, com a participação em festivais e recitais. Publicou esporadicamente em jornais, revistas e blogs, com destaque para sonetos e poemas líricos. Participa de eventos culturais em Itaboraí-RJ há vários anos, apresentando seus poemas.

Também em 1985, iniciou-se no violão como autodidata, influenciado por Lô Borges, Milton Nascimento e os mineiros do Clube da Esquina e Oswaldo Montenegro. Também toca bandolim e cavaquinho. De 1986 a 1989 integrou grupos musicais em Niterói, como violonista, vocalista e compositor.

No ano seguinte, começou seu trabalho na área teatral, escrevendo peças. Participou do grupo teatral Parafernália, de Itaboraí, não só como ator e autor, mas também dirigindo peças e oficinas teatrais e escrevendo trilhas sonoras para musicais.

Da experiência de 18 anos de trabalho no jornalismo, como redator e diagramador, iniciou-se também como cronista, publicando em jornais do interior do Estado do Rio, no site “Cronistas reunidos” e em blogs.

Também escreve contos no gênero da ficção científica, influenciado por nomes como Ray Bradbury e Phillip K. Dick, e tem especial interesse em biografias.

Trabalha como jornalista, na imprensa do interior do Estado do Rio - mantém coluna INFORME CULTURAL no jornal O ALERTA, de Itaboraí - e é bancário no BB.

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita desde que o conteúdo não seja alterado e que seja citada a autoria e a fonte.

Publicado no site do autor em 07/10/2006
www.williammendonca.com

Contatos: will_mendonca@yahoo.com.br